INTRODUÇÃO

Segundo o método clássico começa-se por ler o texto de base, geralmente bastante curto, e depois reflecte-se a partir dum questionário ou de pistas que fazem a aplicação à vida concreta. Aqui propomo-vos exactamente o contrário.

Na primeira parte do fascículo há uma série de interpelações; no segundo encontrarão o tema de base, mais desenvolvido. No primeiro mês comecem por responder às interpelações nº1 (em casal e depois, para preparar a reunião de equipa). Só depois, leiam no tema de base o texto nº1 correspondente a essas interpelações. E assim, em cada mês, relativamente às oito reuniões previstas.

O esforço que vos é pedido é sem dúvida maior e, sobretudo, mais pessoal. A vossa reflexão partirá da vossa experiência concreta e em seguida poderão recorrer a um texto que, desta maneira, abordarão com uma motivação mais personalisada.

Finalmente, convém sublinhar que este tema foi pensado e redigido no quadro de uma cultura ocidental. Sobre alguns aspectos seria necessário uma adaptação quando se passa para outra cultura. Mas se o amor, a felicidade, a santidade podem revestir-se de trajes diferentes, usar camisola ou sari...no fundo, o que está em causa para todos, é mesmo o amor, a felicidade, a santidade!

INTERPELAÇÕES

CAPITULO I: Amor e Casamento.

1. Se falássemos de amor?
2. Porque nos casamos?
3. O nosso casamento dá testemunho do amor?

CAPITULO II: Casamento e Felicidade .

4. Sabemos ser felizes?
5. A felicidade conjugal.

CAPITULO III: Um Caminho de Santidade.

6. Disseram: santidade?
7. Eros ou Agapé?
8. Caminhar juntos, em casal e em equipa.

1.Se falássemos de amor.

Objectivo.

Num primeiro tempo vamos determo-nos sobre a ideia do amor. Não nos referimos ainda ao amor conjugal vivido nas Equipas.

Procedamos por etapas para que nada se perca...

O que é o amor? Ou antes o que é "estar apaixonado"? Veremos que "estar apaixonado" e amor são coisas diferentes.

Em casal.

1. O amor apresenta-se geralmente aos adolescentes como a coisa melhor, a mais bela do mundo. Estão enganados? Será ilusão, ingenuidade? O que pensavam vocês do amor quando tinham essa idade?

Desde o tempo da vossa adolescência, a vossa ideia sobre o amor deve ter evoluído..como? Segundo que percurso? Poderiam reconstituí-lo? Quais foram as etapas mais importantes e os acontecimentos mais marcantes dessa evolução?

2. O que faz com que se fique apaixonado? Será devido ao inconsciente, à Providência?
Que se procura, mais ou menos conscientemente, no outro? Como se escolhe o conjuge?

3. No vosso caso pessoal, como foi que isso se passou? O que vos atraíu no outro? Ao princípio certamente idealizaram um pouco o vosso parceiro: parece que isso é uma das etapas do amor. Quando descobriram os seus limites como reagiram? Vêm ainda hoje o outro com os mesmos olhos do princípio?

Em equipa.

1. Experimentem dar a vossa definição pessoal do amor.

2. Não seria interessante que cada casal contasse a sua história?

3. Podem retomar uma das questões postas em casal...

Um gesto concreto.

Ou: Escrever uma pequena carta ao conjuge: o que mais me agrada em ti; o que constitui para mim uma dificuldade.

Ou: Consagrem um serão a olhar os vossos albuns de retratos (do tempo de namoro, noivado, casamento, os bébés). E dêm graças ao Senhor!

Em seguida leiam o texto correspondente (nº1) do tema de base.

**

2. Porque nos casamos?

Finalidade

Trata-se de reencaixar bem no nosso espírito o sentido desta instituição humana, velha como o mundo e fundamento de toda a sociedade: o casamento. Compreender que casamento-instituição e amor não estão necessariamente ligados. E finalmente perguntar-se: Porque se casam as pessoas?

Em casal.

1. Porque casámos civilmente e na Igreja? Que lugar teve

o amor na nossa decisão?

2. Sentimos na nossa vida aquela tensão que existe muitas vezes entre amor e casamento: por um lado o expontâneo, a liberdade; por outro lado o institucional e as suas sujeições? Pensam que o casamento possa ser, em certos casos, um obstáculo ao amor?

3. Aqueles que se amam e não se querem casar...Os casais deste tipo multiplicam-se. Não basta lamentarmo-nos; há que interrogarmo-nos. O pôr em causa do casamento-instituição por parte dos jovens deve fazer-nos reflectir sobre o verdadeiro sentido do casamento. Quais as razões que os levam a recusar o casamento? Tiveram vocês ocasião de discutir o assunto com jovens?
A sua prática interpela-nos e força-nos a repensar certas ideias tradicionais. Será que os jovens reinventam, recriam o casal? Como discernir o essencial do casamento, distinguir o "núcleo duro" daquilo que resulta duma situação histórica, económica, cultural e pode portanto variar segundo as épocas e os povos?

Em equipa.

1. O rito canónico actual do casamento, tornado obrigatório para os católicos sob pena de nulidade, foi introduzido bastante tarde na Igreja (séc.XVI). A partir daí o casamento só é válido quando realizado perante um padre autorizado e duas testemunhas. Antes o casamento era perfeitamente válido sem este rito e era um sacramento. Agora somos tentados a centrar toda a nossa atenção sobre o carácter ritual e a esquecer um pouco a realidade humana que é essencial. Não basta "casar-se na Igreja" para se ser automaticamente um verdadeiro casal.
Que fazemos para ensinar os jovens a construir um casal?

2. Segundo a vossa experiência com casais que querem casar-se na Igreja, quais são as suas motivações? Alguns querem o "casamento religioso" com pleno conhecimento.

Mas não todos...Há noivos que abandonaram toda a prática religiosa, que já nem sequer têm fé e que querem um "casamento religioso". Porquê? Pressão social? Tradição familiar? A sensação que é mais sério?

Quais os argumentos que vocês poderiam apresentar aos jovens sobre o valor do casamento civil e religioso? Juntos, façam uma listagem.

3. Que pensam vocês da definição (jurídica) que o novo Código de Direito Canónico faz do casamento cristão (c.1055):

"A aliança matrimonial pela qual um homem e uma mulher constituem entre si uma comunidade para toda a vida, ordenada, pelo seu carácter natural, para o bem dos conjuges e para a procriação e educação dos filhos, foi elevada, entre baptizados, por Cristo Senhor, à dignidade de sacramento".

Estudem-na, comparando-a com as antigas "definições" dos manuais:

"Porque razões foi instituído o casamento?
- O casamento foi instituído para assegurar a propagação da espécie humana e para fornecer aos esposos, ao mesmo tempo que uma ajuda mútua, o remédio contra a concupiscência".

Um gesto concreto.

Como vão vocês celebrar o vosso próximo aniversário de casamento? E se fizessem um dia feriado juntos?
Ou então: colaborem em cursos e sessões de preparação para noivos ou para casais em dificuldades...

Em seguida leiam o texto correspondente (nº2) do tema de base.

**

3.O nosso casamento dá testemunho do amor?

Finalidade.

Ver como vivemos o nosso amor no dia a dia e ao longo dos anos...Somos testemunhos do amor?

Em casal.

1. Será que isto vai durar? Quando nos casamos é para sempre. Quando nos amamos também. Mas não é uma batalha ganha de antemão, nem de um lado nem do outro...
Muitos jovens têm medo dum compromisso do qual não se vê o fim. Isto é verdade para o casamento e também para a vida religiosa. Se fosse possível comprometerem-se simplesmente por três ou quatro anos - uma espécie de serviço militar - seria mais fácil. Mas comprometer-se para toda a vida? E, no entanto não é o compromisso total que dá o verdadeiro sentido ao amor, ao casamento, à vida religiosa?
Para mais, antigamente comprometiamo-nos por um período de 25 a 30 anos no máximo, quando nos comprometiamos "para sempre". Actualmente vive-se mais tempo, agora, arriscamo-nos a viver juntos 50 anos...Será possível e razoável? É possível amar-se tanto tempo? E devemos recear as bodas de ouro?
E no entanto o amor do princípio não é justamente e senão um princípio do amor. Ficam tantas coisas por descobrir! Tentem fazer um inventário (talvez com humor) de tudo aquilo que foram descobrindo a pouco e pouco, um no outro.

Comecem então pelo gesto concreto assinalado mais adiante

2. As crises. Em todos os casais há momentos de crise. Tudo o que é vivo conhece crises e o amor é qualquer coisa de vivo! É com efeito este o processo normal para crescer, melhorar, para encontrar o seu sentido profundo. Não há portanto que recear estas crises: elas marcam as

etapas do crescimento do amor.
Se o podem fazer serenamente e sem reavivar feridas, interroguem-se sobre a maneira pela qual abordaram e ultrapassaram essas crises. Foram elas ocasião de perdão, duma compreensão melhor, de progresso do vosso amor?

3. É possível permanecer fiel? Segundo as sondagens, 24% dos franceses seriam infiéis. Será de pensar que o são mais do que os outros? Segundo as estatísticas, em Paris, um casamento em três acaba em divórcio e as uniões livres, um pouco por toda a parte, conhecem a mesma sorte. Geralmente isto acontece ao fim de cinco anos. O adultério é uma das causas principais do divórcio.
Conhecem-se no Ocidente, depois de 1968, uma era de procura duma liberdade absoluta ("é proibido proibir"), essencialmente em relação à vida de casal e vida sexual. Neste clima a fidelidade aparecia como resíduo de velhos costumes. Actualmente deu-se uma reviravolta e a fidelidade no amor já não é ridículo. Pelo contrário: é procurada, desejada. Os conselheiros conjugais recebem disso muitos testemunhos:

"Reflecti muito sobre a fidelidade e a infidelidade. Choca-me a contradição que existe entre o que é dito: a fidelidade não existe, e o que é vivido: o sofrimento insuportável que acompanha a infidelidade. Existe um desejo de fidelidade e uma amargura por isso não ser possível".

Mas a fidelidade não é coisa absolutamente garantida e ninguém está ao abrigo de surpresas. Não se deve brincar com o fogo...

Então que significa para vocês serem fiéis? Que conselhos dariam áqueles que principiam a sua vida de casal? E áqueles que atingiram a idade dos "demónios do meio dia"?

4. E o ciúme? O ciúme também pode nascer num casal, mesmo sendo das Equipas de Nossa Senhora. No mundo actual, no seu trabalho e nas suas relações, mulheres e maridos são muitas vezes expostos a tentações diversas. E isto pode

suscitar no outro um sentimento de ciúme. É isto normal? Legítimo? Devemos espantar-nos? Corrigir-nos?

Em equipa.

1. As coisas mudaram muito no Ocidente, desde há 40 anos para cá...

Nalgumas décadas, tudo quanto se refere ao casamento mudou muito. Não se pode mais falar como se fazia há 40 anos em que tudo era ainda bastante tradicional.

Antigamente (há 40 anos, no princípio das Equipas):

- Não se vivia em "concubinato": isso não se fazia e era-se excluído da sociedade.

- O divórcio era raro e mal visto.

- A pílula não existia. Os noivos que se tinham mostrado demasiado impacientes deviam casar-se à pressa para "reparar".

- Não se falava do aborto, senão disfarçadamente e era penalizado.

Hoje:

- Muitos estudantes vivem juntos como casal, desde o princípio dos estudos universitários e "fica-se enquanto as coisas vão bem..."
Quando já não vão bem, separam-se em boa camaradagem.

- Quando se decide casar no registo e às vezes perante o padre, não é tanto para tomar um compromisso "para a vida e para a morte", mas sim para regularizar uma situação. De qualquer maneira o divórcio permanece sempre como porta de saída.

- Os filhos? Pode-se ter exactamente aqueles que se deseja e nenhum se assim se quiser. Se a pílula falhar, há o aborto despenalizado e por vezes reembolsado pela Segurança Social.

Sim, as coisas mudaram mesmo muito. E quando, nas Equipas de Nossa Senhora falamos de amor e de casamento é preciso termos presente o clima no qual estão mergulhados os jovens casais. Têm vocês consciência disto, vocês que casaram num clima totalmente diferente?
Entrar hoje numa equipa não é apenas fazer uma caminhada com casais amigos, entreajuda amigável, mas é também tomar posição, ter a coragem das suas convicções e mesmo arrostar com a opinião pública...Têm vocês consciência disto?

2. "Casar para se amarem". Eu não me caso contigo porque te amo, mas para te amar: esta pequena frase causou um certo choque numa equipa formada em Lourdes, em Setembro de 1988. O Cardeal Danneels diz: o amor é uma decisão.

Tem-se a impressão de que para que o amor seja sincero é preciso ter a possibilidade de se separar, de pôr tudo em questão.
Ora o casamento é precisamente o compromisso de viver juntos toda a vida e de não pôr o casal em questão todas as manhãs. Constrói-se sobre a rocha e não sobre a areia. Mas a rocha naturalmente é "dura"!

Por outro lado, pensam vocês que seja sensato casar sem se amar esperando que o amor nasça depois? O "casamento de conveniência" talvez tivesse algumas razões de ser e continua a estar em uso noutras culturas que não a cultura ocidental. Que pensar?

3. Reflictam nesta questão: quais são as exigências principais do casamento cristão? Vejam como, de facto, as suas exigências são também garantias para a verdade do amor. É por isso que podemos afirmar que o casamento cristão é o lugar privilegiado do verdadeiro amor.

Um gesto concreto.

Façam a lista do quanto descobriram no outro desde o início da vossa vida conjugal. Troquem as vossas listas.

Depois leiam o texto correspondente (nº3) do tema de base.

**

II. CASAMENTO E FELICIDADE

4. Sabemos ser felizes?

Objectivo.

Aprender a reconhecer a felicidade, a abrir-se à felicidade. Porque isto aprende-se...

Em casal.

1. Saber reconhecer as pequenas alegrias.
Por altura duma sessão, uma equipa de viúvas pôs a questão seguinte: somos nós felizes? Isto poderia parecer paradoxal. E no entanto elas descobriram uma quantidade de pequenas razões de felicidade espalhadas pela vida e às quais estamos normalmente pouco atentos.
Quais são as vossas pequenas felicidades?
A título pessoal, tomem nota durante este mês das vossas pequenas alegrias quotidianas. No fim do mês, troquem as vossas listas em casal.

2. Estar abertos à felicidade.
"A felicidade é feita para os felizes" diz um provérbio cheio de sabedoria e de experiência. É verdade que há uma disposição para a felicidade, que é preciso saber estar aberto à felicidade e não ter medo disso.
Existe uma espécie de "contencioso" entre a espiritualidade cristã e o prazer e até a alegria. É-se facilmente tentado a acreditar que a virtude deve ser triste e maçadora ou então que Deus tem inveja dos nossos instantes de felicidade e que, cedo ou tarde, no-los fará pagar...
Tentem encontrar exemplos desta mentalidade na vossa própria vida e à vossa volta. Estão vocês verdadeiramente abertos à felicidade, prontos a agarrá-la? Ou estão crispados e desconfiados? Quais foram as grandes alegrias da vossa vida?
Seria um bom tema para um Dever-de-se-sentar.

3. A felicidade perfeita é Deus. Sabemo-lo em teoria... Mas na prática, será bem assim que vemos as coisas? O nosso desejo nesta vida é ver a Deus?

Em equipa.

1. Retomar certos pontos de reflexão em casal sobre os quais se deseja partilhar em equipa.

2. Que tipo de espiritualidade têm na vossa equipa?

No seio da espiritualidade cristã pode haver espiritualidades diversas, conforme se puser o acento tónico sobre este ou sobre aquele valor, ou conforme os temperamentos. Há assim espiritualidades de esforço, de dever, ou então mais voltadas para o sofrimento. Há os optimistas e os pessimistas, os alegres e os tristes, os tensos e os descontraídos...

Têm vocês uma espiritualidade orientada para a felicidade e para a plenitude? Sabem ver o lado positivo das coisas? Têm confiança na vida?

Um pequeno teste para fazer. Nas vossas reuniões de equipa, durante a partilha e pôr-em-comum, sobre o que insistem mais: sobre o que vai bem ou sobre o que vai mal?

3. São felizes em equipa?
A amizade é uma das grandes fontes de alegria e de felicidade.
Cultivam-na? Vivem uma amizade verdadeira na equipa? Fora das reuniões, quais são as vossas relações? Sabem parti-

lhar não somente as vossas dificuldades, mas também as vossas alegrias familiares? Sabem ser felizes com a felicidade dos outros?

4. Os jovens e a felicidade.
Temos razões para nos interrogarmos se os jovens, hoje, são felizes e se acreditam na felicidade. Muitas vezes o futuro parece-lhes sem saída e inquietante.
Como educamos os nossos filhos para a vida, para o futuro? Sabemos mostrar-lhes os aspectos positivos, as esperanças, as descobertas exaltantes?
Que responder aos jovens que nos censuram e responsabilizam pelas guerras, pela violência, a injustiça, a poluição?

Um gesto concreto.

No fim do ano, ou por ocasião de um aniversário consultem a vossa agenda para se recordarem dos acontecimentos felizes. É tão importante como fazerem um "exame de consciência".
Ou então que diriam a celebrarem em cada ano o vosso "Thanksgiving Day" da equipa sob a forma duma missa de acção de graças pela vossa amizade?

Em seguida leiam o texto correspondente (nº4) do tema de base.

5. A felicidade conjugal.

Finalidade.

Ser feliz um com o outro, é um critério do amor verdadeiro . Tentem ver em que medida se verifica este critério na vossa vida e o que fazem para isso.

N.B. Não falaremos aqui muito sobre a sexualidade. É um tema importante que está a ser preparado por uma equipa internacional. Mas não é possível ignorá-lo completamente.

Em casal.

1. O que favorece a nossa felicidade de casal? E quais são os comportamentos, hábitos, manias que podem pôr em risco o clima de felicidade do casal e da vida familiar? É o momento de fazer uma listagem para os eliminar.

2. Calar-se ou escutar-se?
Diz-se: "a palavra é de prata mas o silêncio é de ouro". É isto verdade no casal? Calar-se juntos é muitas vezes o sinal duma intimidade profunda. Mas se cada um se cala para o seu lado...Muitas das sombras que pairam sobre a felicidade conjugal provêm do facto de não ter sabido fazer luz sobre certos assuntos e, sobretudo, de não se terem escutado um ao outro.
Fora do Dever-de-se-sentar, qual o tempo que consagram a estar à escuta do outro? E à escuta dos vossos filhos?

3. Estão suficientemente abertos à qualidade da vossa relação sexual? É um elemento fundamental da felicidade do casal. Falam sobre o assunto? Que fazem para chegar a uma verdadeira "harmonia sexual"?
Pedem-na a Deus como uma graça do sacramento do matrimónio? E lembram-se de agradecer a Deus uma comunhão perfeita?

Em equipa.

1. Que fazem para permanecerem apaixonados um pelo outro? Pensam nisso? Talvez hajam "receitas" a comunicar entre vocês. Não vos tornareis depressa demais apenas "pai-mãe"?
Tendes medo de manifestar a vossa ternura perante os vossos filhos? E a ternura pelos vossos filhos, sabem manifestá-la?

2. Felicidade e sofrimento: como conciliá-los?
As provações são certamente inevitáveis em todas as vidas. Há um mistério real no sofrimento. Cristo não veio

para nos evitar a cruz: tomou-a primeiro sobre si e ensinou-nos a torná-la fecunda.
Quais foram as provações mais duras para o vosso casal e como reagiram?
Haverá provações que se devam suportar a sós? Estais atentos às viúvas que partilharam como casal a vossa vida de equipa?

3.A refeição familiar não será muitas vezes um problema? Pode ser uma festa em cada dia: a alegria de se estar junto, de conversar...Pode também tornar-se uma maçada, transformar-se numa espécie de snack-bar. Como tranformá-la num momento de felicidade familiar?

Um gesto concreto.

Vão ler ou reler o curioso romance de J.K.Chesterton: Supervivant (Manalive). Verão a imaginação desenvolvida por um homeme para reanimar no seu casal a frescura do primeiro amor.

Em seguida leiam o texto correspondente (nº5) do tema de base.

**

6. Disseram: santidade?

Finalidade

Retomar consciência da nossa vocação à santidade Como se traduz ela na nossa vida pessoal, na nossa vida de casal, na nossa vida familiar?

Em casal.

1. Há casais das equipas a quem a palavra "santidade" choca, talvez por boas razões. Quais? Será o vosso caso?

Não temos, tantas vezes, ideias falsas sobre a santidade? Não somos tentados a pensar imediatamente em: milagres, extases, penitências inacreditáveis, tudo coisas manifestamente fora do nosso alcance?
Se é a palavra que nos incomoda, podemos escolher outra...mas se é a Bíblia que nos diz: "Sêde santos porque eu sou santo" (Lv. 19,2).
"A vontade de Deus é que sejais santos" (1 Th. 4,3).
Finalmente que ideia formamos nós de santidade? Que diríamos desta definição: Tornarmo-nos naquilo que somos, isto é, filhos de Deus?

2. Só Deus é santo. Que ideia fazemos desta santidade e que lugar tem ela na nossa vida? Como tratamos Deus? Temos suficientemente desenvolvido o sentido de adoração, do louvor gratuito ao Deus "resplandecente de santidade"? E que lugar damos na nossa vida à Eucaristia, que é, por excelência, a acção de graças?

3. Procurem na vossa memória e no vosso coração as palavras de vida, especialmente as do Evengelho, que são um apelo à santidade. Talvez possam escrevê-las numa estampa a fixar na vossa casa ou para trazer convosco?

Em equipa.

1. Não estamos já no tempo em que se pensava que os leigos estavam excluídos do apelo à santidade. O Concílio teve que ver com isso...e a criação das Equipas de Nossa Senhora também. Seria o momento de relermos "Lumen Gentium" e de reflectir em casal e em equipa.
A Carta do Papa sobre "Vocação e Missão dos Leigos" retoma a doutrina da "Lumen Gentium". Poderiam reler em equipa as passagen citadas no tema de base, nos "Textos Escolhidos".

2. No seio desta vocação universal à santidade, pensam que o apelo de Deus se vos dirige pessoalmente? Significa a vossa presença nas Equipas que vocês querem mesmo responder a esse apêlo e ajudar outros a responder?
É neste espírito que, por exemplo, vocês vivem a partilha?

3. Como vivem vocês os pontos concretos de esforço? Como "obrigações" acerca das quais têm que prestar contas à equipa? Ou como meios normais e quase evidentes de caminhar ao encontro dum compromisso cristão total? Esses meios ajudam-vos a progredir?

Um gesto concreto.

Reler a Carta do Papa sobre os leigos.

Em seguida leiam o texto correspondente (nº6) do tema de base.

7. Eros ou Agape?

Finalidade

Encontrar o equilíbrio justo entre dois aspectos complementares do amor e de sua integração na vocação à santidade.

Em casal.

1. Eros e Agape não são duas divindades do paganismo antigo nem dois heróis de telenovelas...Estes dois termos designam dois aspectos do amor; e foram objecto dum erudito estudo (A.Nygren, Eros e Agape, 3 vol.).

N.B. Neste caso é talvez útil ver primeiro o texto de base (Nº7) para compreender estas duas noções.

O erotismo tem má reputação. No entanto o eros faz parte do amor humano: é o seu lado físico e carnal. Estarão vocês convencidos da importância desse factor num casal cristão, ou será que isso vos incomoda?

2.Como cultivar o eros?

Já se falou dele, noutros termos, a propósito da felicidade conjugal. Precisemos aqui alguns pontos.
Como vivemos nós a relação amorosa do nosso casal? Tem o diálogo sobre o eros um lugar na vossa vida?
São os vossos filhos educados num clima de ternura que não se procura disfarçar?

3. Agape é a palavra "técnica" para designar esta nova realidade cristã que é o amor caridade.
Procuram vocês verdadeiramente amar-se com um tal amor, e especialmente, passar dum amor captativo que é próprio do eros a um amor oblativo ou dom de si próprio, que é específico do agape?
Amam verdadeiramente o vosso conjuge "para ele e não para mim"? Procurem sinais concretos na vossa vida.

4. A fecundidade: como a encararam e como a vivem? Programando tudo em pormenor? Substituindo-se ao imprevisto e à Providência?
Como encaram para o vosso casal uma fecundidade de âmbito mais alargado do que a fecundidade biológica na perspectiva do Reino de Deus?

Em equipa.

1. Como educar os nossos filhos para este aspecto do amor que é o eros bem como para todos os problemas da sexualidade? Pode-se deixar esse cuidado à escola, aos media, àqueles com quem andam? Qual é o papel e a responsabilidade dos pais?

2. Para que o vosso amor seja verdadeiramente "para sempre" e possa continuar para além da morte, é preciso que adquira uma dimensão de eternidade. Como se conseguirá isso? Pensam que um simples amor humano possui essa força? Como entendem vocês a palavra de Jesus: "Quando ressuscitarem de entre os mortos nem casarão nem se darão em casamento, mas serão como os anjos nos céus" (Mc. 12,25)?

3. Na vossa vida de casal quais foram os momentos, as situações em que conseguiram atingir o agape? Poderiam partilhar na equipa acerca deste ponto?

Um gesto concreto.

Fazer um dever de se sentar especial sobre esta questão: eros e agape.

Em seguida ler o texto correspondente (Nº7) do tema de base.

******

8. Caminhar juntos, em casal e em equipa

Finalidade.

Compreender melhor a entreajuda na caminhada à conquista da santidade.

Em casal.

1. O casal - isto repete-se muito nos nossos dias - não é uma entidade "fusional": não deve diluir as personalidades dos conjuges. Cada um permanece ele próprio, fortificado pela presença do outro e pela sua diferença. Cada um conserva a sua relação própria com Deus e o seu ritmo espiritual.
Experimentem ver qual é o cunho pessoal de cada um na sua relação com Deus, as vossas facilidades ou dificuldades na oração, a regra de vida...Como respeitam a "diferença espiritual" do vosso conjuge? Por outro lado, como conciliam a vossa vocação pessoal e a do casal? O ritmo da vossa vida espiritual e o do vosso conjuge? Será preciso uma caminhada a duas velocidades? Deve um esperar pelo outro? Como fazem vocês?

2. Trocam impressões em casal sobre a vossa vida espiritual pessoal? Partilham as vossas descobertas, as vossas experiências nesse domínio? Conseguem falar sobre o assunto?
Em que ponto está a vossa oração conjugal? É difícil? É mais do que o simples recitar duma fórmula? Conseguem fazer uma oração expontânea, verdadeiramente conjugal?
Não percam a coragem. Não é fácil.

3. Poderiam dizer, de forma precisa, quando, como e porquê puderam ser um para o outro um "lugar" do encontro de Deus e de experiência do seu amor ("eu encontro verdadeiramente Deus através de ti")?
Quando, como e porquê puderam vocês ser esse lugar para os vossos filhos? Perguntem-lhes...

Em equipa

1. Importância da equipa nesta procura da santidade. Como a sentem? Que vos traz ela? Que lhe falta ainda? Que seria preciso modificar?

2. Como vivem os diversos momentos da reunião: refeição, pôr em comum, partilha, oração, tema? Estão verdadeiramente comprometidos?

3. Podem dizer que a vossa vida em equipa não vos fecha sobre a intimidade de um grupo de amigos, mas antes, abre-vos ao sentido da Igreja, à percepção das necessidades do mundo? Estão comprometidos (em casal?) na pastoral da vossa Igreja local, na "Evangelização e santificação do mundo"? Sem esquecer, no entanto, que viver o casamento como um lugar de amor, um caminho de felicidade e um meio de santidade, é o testemunho urgente que as Equipas devem dar ao nosso mundo.
Se o vosso casal, a vossa família, não for um êxito, como poderá o vosso testemunho passar?

Um gesto concreto.

Fazer uma partilha sobre a qualidade de vida da equipa: o que procuram nela, o que nela encontram, o que lhe levam.
E talvez assumir um compromisso apostólico (na linha da espiritualidade do matrimónio) ou apoiar, em equipa, a actividade apostólica de algum dos casais.
Em seguida ler o texto correspondente (nº8) do tema de base.

******

TEMA DE BASE

AMOR — FELICIDADE — SANTIDADE

I. AMOR E CASAMENTO

(1) 1. O que é o amor?

(2) 2. O que é o casamento?

(3) 3. Testemunhos do amor no casamento.

II. O CASAMENTO CAMINHO DE FELICIDADE

(4) 1. Quem nos fará descobrir a felicidade?

(5) 2. A felicidade conjugal.

III. O CASAMENTO CAMINHO DE SANTIDADE

(6) 1. Vocação à santidade.

(7) 2. Eros e Agapé.

(8) 3. A entreajuda em casal e em equipa.

CAPÍTULO I.

A M O R

E C A S A M E N T O

Um dos grandes testemunhos que a Igreja e o Mundo esperam hoje dos casais cristãos, é que eles sejam pelo seu matrimónio e através do matrimónio, testemunhas do amor.

Numa entrevista recente, o Cardeal Danneels dizia: "Estou convencido que actualmente a Igreja universal deveria consagrar-se prioritariamente a esta tarefa: encontrar o meio de tornar credível a fé cristã enquanto inspiradora de uma maneira de viver o amor sob todas as suas formas, que conduz a uma verdadeira felicidade".

Vamos distinguir as "noções" amor, casamento. O método tem qualquer coisa de arbitrário e de artificial mas se decompomos a realidade é para tentarmos entendê-la melhor.

Amor e casamento são realidades, em si mesmas dispares e, historicamente, não estão necessariamente ligadas. Vamos pois considerá-las separadamente para vermos em seguida como elas se unem na concepção cristã.

I. O que é o amor?

Digamos, mais modestamente: algumas reflexões sobre o amor.

1. Uma primeira abordagem.

a) O amor aparece desde logo como uma coisa muito misteriosa. Pode mesmo falar-se dum grande mistério. É S.Paulo quem o diz. Referindo-se, certamente à palavra do Génesis: "Eis que o homem deixará o seu pai e a sua mãe para se ligar à sua mulher e os dois serão uma só carne", ele declara: "esse mistério é grande" e precisa: "Falo de Cristo e da Igreja" (Ef. 5,31-32). Mas esta aproximação não deixa de ter importância para o nosso propósito.

Antes de nos debruçarmos sobre o mistério de fé da união Cristo-Igreja, é preciso dizer-se desde já que o que se passa entre o homem e a mulher é um verdadeiro mistério! É sem dúvida por isso que o amor é difícil de definir e de explicar. É conhecida a definição clássica do Escolástico: amar é querer o bem de alguém. Sem dúvida que é verdade, mas é tão abstrato, tão distante desse estremecimento inefável que se vive! Notemos, no entanto, que em italiano para dizer "Amo-te", diz-se frequentemente "Te voglio bene" (quero-te bem).

Poder-se-á utilizar, a propósito do amor, esta expressão pitoresca que um especialista de economia aplicava ao subdesenvolvimento: "É como uma girafa; é difícil de definir, mas quando se vê uma, reconhece-se imediatamente".

A melhor definição, ou antes, a chave, é sem dúvida a pequena frase célebre, que se referia aliás, na realidade, a uma amizade muito terna: "parce que c'est toi, parce que c'est moi". Há qualquer coisa de indefinível que faz com que nos reconheçamos como que por instinto, como que por intuição ou revelação.

"Vieste,
Todo o meu sonho ao sol não teria, jamais ousado
esperar-vos tão bela!
E no entanto, no mesmo instante, reconheci-vos".

(Alain Fournier)

O amor surge portanto naturalmente como a realidade mais poética e mais romântica. Os amores infelizes, inclusive:

"Os mais desesperados são os contos mais belos,
e conheço alguns imortais que são puros soluços"

(Musset)

É o tema por excelência da literatura, especialmente do romance. É mesmo de certa maneira a nata da literatura

barata. E aí, é sabido, o romance acaba com o casamento, na perspectiva, aliás de muitos contos clássicos: "Eles foram muito felizes e tiveram muitos filhos". Depois do casamento - pode-se dizer - parecia que não havia mais nada de interessante para contar...Isto é muito revelador!

b) O amor é sem dúvida a maior e a mais bela coisa do mundo. Não é necessário recorrer às sondagens para saber o que é que faz sonhar, especialmente os jovens. E para eles (aliás as sondagens existem) o amor é o verdadeiro nome da Felicidade. O que se deseja acima de tudo, é encontrar um grande amor, é viver um grande amor.

Atrever-me-ei a citar uma recordação muito especial? Adolescente, eu considerava o amor como a coisa mais bela do mundo. E tinha, instintivamente, alguma desconfiança em relação aos movimentos de jovens, porque estava convencido que era "uma esperteza de padres para nos impedir de pensar em raparigas e no amor".

O amor, é o que há de mais forte no mundo!

Entende-se aqui o amor nas suas diversas formas e em todo o leque das suas riquezas, mas no centro de todo o amor é preciso procurar como que o núcleo central, o germe do amor do homem e da mulher. É sem dúvida o ponto de referência obrigatório.
Não é sem razão que quando Deus quer falar do seu amor pelo seu povo, o compara ao amor de um esposo e até mesmo ao ciúme dum esposo. Releiam Oseias, releiam o Cântico dos Cânticos. Notar-se-á em particular a bela e típica expressão da linguagem amorosa: "O meu Bem Amado é meu e eu sou dele" (Cant. 2,16) que exprime simplesmente noutros termos a forma bíblica: "Tu serás o meu povo e eu serei o teu Deus".
"O amor é forte como a morte" (Cant. 8,6).
"As grandes águas não poderão extinguir o amor, nem os rios submergi-lo (Cant. 8,7).

c) O amor é apresentado facilmente como uma coisa "fatal", precisamente porque é difícil de explicar e de justificar racionalmente, parece pertencer a um mundo desconhecido, mítico e ser como que uma força irresistível do Destino. Os grandes amores lendários são amores fatais. Lembremo-nos de Tristão e Isolda e do filtro mágico, de Romeu e Julieta, de Paulo e Virgínia... Ou então fale-se de acaso cego, de "lotaria". Os cristãos, esses gostariam de acreditar que existe um desígnio secreto da Providência.

Existe um tentativa de explicação célebre, devido precisamente ao mito. É no Banquete, de Platão, o mito de androginia. Nesse relato põe Platão em cena diversas personagens que, uma após outra, dizem a sua concepção do amor.

Um deles tem uma explicação muito simples: os homens primitivos, que apareciam como uma ameaça aos Deuses foram cortados em dois por ordem de Zeus. Cada um deles não é senão uma metade que procura a sua outra metade. Desde que a encontre, reconhece-a misteriosamente e não tem senão o desejo de se unir a ela (1). Recordemos que a palavra grega "androginia" significa aquilo que é ao mesmo tempo, homem e mulher.

---

(1) "A natureza humana era, noutros tempos bem diferente daquilo que é hoje. Primeiro, não havia dois sexos, masculino e feminino, mas três, e o terceiro participando dos outros dois. Hoje já não tem nome, visto que desapareceu, mas, nesse tempo, era "androginia"; constituia um sexo à parte (...) Cada ser humano tinha umas costas redondas e costelas circulares, quatro braços e outras tantas pernas, duas caras bem semelhantes, (...) quatro orelhas, orgãos sexuais duplos, etc...."

Estes homens primitivos são muito fortes e os deuses sentem-se ameaçados. Eis porque Zeus toma uma posição ra-

d) A única.

O que faz pensar em fatalidade é, provavelmente, a fixação que o amor cria sobre uma pessoa distinguida entre todas e que se torna única, a Única.

A relação interpessoal do amor, por um lado cumula e exalta a pessoa-sujeito, enchendo-a de alegria e de felicidade; por outro lado confere à pessoa-objecto um valor incomparável, exaltando-a acima de todas as outras. Assim, a relação que é o amor, transforma aquele ou aquela que o experimenta: fala-se frequentemente de tormento, encantamento, de êxtase...A pessoa torna-se outra, diferente. Mas ela tranforma também a pessoa amada que se sente valorizada, agradecida, escolhida entre todas. Ser amado ou amar é tornar-se único para alguém, é uma felicidade, um privilégio, um dom, uma graça.

2. Tentemos precisar esta abordagem.

O amor é verdadeiramente um mistério. É o dote único, o dote específico da humanidade: não o dom mágico duma fada junto do seu berço, mas o dom de Deus desde os primórdios.

---

dical. "Vou cortar cada um em dois. Assim serão menos fortes e mais úteis para nós visto que serão mais numerosos. Caminharão direitos sobre as suas pernas (antes disso rebolavam) e se eles continuarem ainda a ser indisciplinados e turbulentos, cortá-los-ei uma segunda vez, de tal forma que caminharão então a pé coxinho sobre uma perna!"
Zeus procede à operação e Apolo ocupa-se da sutura da qual o umbigo actual é a cicatriz.
Assim..."cada um de nós não é senão uma fracção de ser humano: de um só fizeram dois e cada um procura a sua fracção complementar e todos aqueles que são parte do ser misto e que chamamos androginia, gostam das mulheres (se são homens) e dos homens (se são mulheres). As mulheres

Todos os seres corporais, pelo menos a partir dum certo nível de evolução são sexuados. E são dotados duma sensibilidade que aumenta à medida que a parte corpórea se aperfeiçoa.

Sem pretender entrar aqui em considerações filosóficas ou cosmológicas, é preciso lembrarmo-nos do lugar do ser humano no universo. Ele está na fronteira do mundo sensível animal e do mundo dos espíritos; ele é mesmo a síntese. Sabemo-lo bem: "O homem não é anjo nem animal", ele está entre os dois e é parte de um e de outro. É o que provoca ao mesmo tempo o seu desconforto e a sua maravilhosa originalidade.

a) Isto implica que o ser humano é, por definição, um ser sexuado: ele pertence ao mundo corporal, animal.

---

que são parte das mulheres primitivas não sentem gosto pelos homens. Aqueles que são uma parte do homem procuram os homens". É esta a explicação da homosexualidade tão apreciada pelos gregos.

"Quando encontramos a nossa própria metade (...) ficamos impressionados por uma sensação de amizade, de parentesco, de amor e já não aceitamos separar-nos um do outro nem mesmo por um instante. E esses casais passam a vida juntos - não poderiam dizer exactamente o que esperam um do outro. Não é por devassidão que sentem um gosto tão grande em permanecerem juntos. A alma de cada um quer qualquer coisa do outro, qualquer coisa que não é capaz de exprimir mas que pressente."
E a explicação através do mito vai ao ponto de justificar a concepção daquilo a que chamamos um amor "de fusão" pela descoberta feita por cada um do que desde há muito tempo desejavam: dois constituirem um só, unindo-se ao ser amado e fundindo-se nele". (Le Banquet. 189 a 192).

O mundo dos espíritos não é sexuado e é sabido que o protótipo da discussão vã é o que trata do sexo dos anjos.

b) No mundo animal, sexuado, não há amor em sentido pleno. Há uma atracção dos sexos, uma forte inclinação natural que assegura a função da reprodução e portanto a sobrevivência da espécie.

Se existem certas formas de fidelidade ou de monogamia, não existe porém aquilo que constitui o amor.

c) Quando o ser humano surge no universo, é qualquer coisa de novo que surge: a emergência duma pessoa e, como disseram certos filósofos modernos: a manifestação duma consciência.

É o surgir dum ser que não é totalmente programado por um instinto, que é livre: autónomo e responsável, que é capaz de escolher, de dar e de se dar.

É um ser eminentemente relacionável que não pode tornar-se ele próprio e "realizar-se" senão num conjunto de relações interpessoais. E entre essas relações há uma que é única: o amor; o amor que é o dom gratuito e recíproco de duas pessoas, de dois seres livres, dum ao outro.

E é por isso que, se a sexualidade do ser humano se enraíza na sua carne, na sua corporeidade, na "sua natureza animal", ela torna-se, nele, uma sexualidade plenamente humana, a sexualidade duma pessoa. Torna-se fonte e suporte, não já duma simples atracção física culminando no acto genital, mas fonte e suporte duma comunhão pessoal comprometendo ao mesmo tempo toda a dimensão espiritual.

O amor humano não é a simples sublimação da atracção sexual animal. É qualquer coisa de novo, qualquer coisa de diferente.

A humanidade detém o monopólio do amor no universo sensível. O amor é dote único e exclusivo da humanidade. E é nesta perspectiva que é preciso reler o belo texto do Gen.II:

"Então o Senhor Deus adormeceu profundamente o homem e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas, cujo lugar preencheu de carne. Da costela que retirou do homem, o Senhor Deus fez a mulher e conduziu-a ao homem. Ao vê-la o homem exclamou: Esta é realmente osso dos meus ossos e carne da minha carne! Chamar-se-á mulher, porque foi tirada do homem. Por este motivo o homem deixará o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne."

3. O segredo das profundezas.

Esta abordagem está feita em termos bastante gerais e pode ser considerada pouco realista. Nos nossos dias se queremos ir ao fundo das coisas e descobrir a sua "face escondida" não podemos dispensar o recurso à psicologia das profundezas ou mesmo à psicanálise. Isto faz-nos tomar consciência da extrema complexidade da realidade. Para nós, profanos, é uma tentativa bastante complicada, fascinante sem dúvida alguma, mas que se arrisca a ser decepcionante. Porque é uma espécie de empreendimento de desencanto do amor que elimina tudo quanto é poético ou romântico.

Fazem-nos descobrir o papel fundamental do impulso sexual, do desejo (o termo tem aqui um sentido bastante diferente da acepção comum) que se enraíza no inconsciente.

Mostram-nos que "a escolha do conjuge se decide à revelia da consciência, ali onde não há ninguém para decidir" (1); que "na escolha que faz do seu parceiro

(1) R.Béraudy, Sacramento do matrimónio e cultura contemporânea, 1985, p.87.

sexual, o homem é o joguete do seu inconsciente" (2).

Segundo Freud, a escolha dum objecto amoroso faz-se de duas maneiras: ou por referência à imagem parental (assim uma mulher "escolhe" o seu marido como substituto do pai), ou por impulso narcísico (em função das necessidades psiquicas do sujeito) (3).

Em suma, voltamos a uma posição que não está muito afastada do mito platónico. "O amor inscreve-se na busca, fundamentalmente sexual, duma felicidade efémera porque perdida para sempre. O amor é procura no outro que a imaginação idealiza para o efeito, do objecto perdido e não nomeado" (1). "É impossível compreender seja o que for em relação à escolha amorosa se não for em referência ao fantasma nostálgico do objecto perdido, da recordação esquecida" (2).

E Suzanne Lilar tem sem dúvida razão ao escrever: "O amor dos sexos não é senão uma das formas duma aspira-

(2) Ibid p.59.

(3) J.Guitton, por seu lado, fala de duas "alucinações": "Podemos concluir que o mecanismo do amor contém duas "alucinações", cada uma com o seu efeito favorável: a primeira, através da projecção sobre outro ser da imagem daquilo que nos falta, a segunda pela recepção em nós, da imagem da nossa perfeição possível, o que nos permite ultrapassarmo-nos e realizarmo-nos naquilo que constitui o nosso melhor. O primeiro mecanismo liberta-nos e o segundo eleva-nos. Tal é o amor no seu estado de perfeição. E, desde já, podemos pressentir quanto o amor é difícil, quase impossível de alcançar...porque o seu mecanismo, se é simples é também delicado." (J.Guitton, O amor humano, 1948, p.83).

(1) R.Béraudy, op.cit., p.86.
(2) S. Leclaire, A realidade do desejo na sexualidade humana, p.250.

ção muito mais vasta: a de nos libertarmos da dualidade e de reconstituirmos a indistinção perdida. Esta concepção da sexualidade, simbolicamente representada pelo mito do andrógino que reencontramos na maioria das grandes culturas tradicionais assim como nos mitos sexuais das sociedades "primitivas", encontra um novo interesse por parte do pensamento moderno. Encontramo-lo nas últimas sugestões de Freud assim como nos arquétipos de Jung. Os sociólogos falam da sexualidade como duma "nostalgia da continuidade perdida".(...) Foi possível dizer-se que "o sexo é um luxo biológico". A diferenciação sexual apareceu tardiamente na escala dos seres e como um efeito da lei da complexificação que governa a evolução. Mas nunca a vida esboça um movimento para a diferença que não a acompanhe da aspiração de suprimi-la. Esta aspiração a compensar o afastamento do sexo e reconstituir o estado ante-sexual, é o amor". (3)

E toda esta "alquimia" poderia talvez encontrar simplesmente a sua explicação mais judiciosa no texto do Génesis: "Não é bom para o homem estar só". O homem precisa dum outro para se tornar plenamente homem; mais precisamente ele precisa do seu "outro" por excelência, da sua metade como se diz em linguagem popular, do seu "alter-ego".

Estamos nós muito mais avançados na descoberta do mistério? Existem verdades diferentes e incompletas. Passa-se com o amor um pouco daquilo que se passa, por exemplo, com o corpo humano. Há o corpo sujeito ao bisturi e ao scanner, visto através da análise dos tecidos, das células, das glândulas e das secreções...Há o corpo glorificado através das carnes nacaradas dos nus sumptuosos de Rubens...Onde está a verdade do cor-

---

(3) Suzanne Lilar, O casal, 1963, p.18-19.

po? Se o aspecto romântico e exaltante do amor esconde realidades muito prosaicas, esta "química psicológica" não é tão pouco a última palavra. Na verdade não saímos do mistério. E é bem melhor assim.

O homem deixado só encontra-se em estado de carência, em busca de uma realização difícil.

Finalmente, sabemos de que lado devemos procurar a verdadeira resposta. "Deus é amor". Claro, entendamos bem; não nos dizem: o amor é Deus, o que seria bem diferente. Mas se é verdade que Deus é amor, sem dúvida que nunca compreenderemos verdadeiramente o amor enquanto não virmos Deus, visto que ele comporta uma dimensão que nos escapa. E sem dúvida que, mesmo no "impulso sexual", existe o vestígio dessa imagem de Deus que é o homem, que é o casal humano e não poderemos compreender plenamente o homem senão quando virmos Deus.

4. Apaixonar-se e "amar"

Tudo o que dissemos sobre o amor refere-se a uma primeira fase ou face do amor: aquela em que somos apanhados desprevenidos que nos atinge repentinamente. Apaixonar-se, "caír em amor", como dizem os ingleses. Quando se está apaixonado fica-se sobretudo cheio de admiração, atraído, maravilhado. Mas se se fica por aí, poder-se-á dizer que se ama verdadeiramente?

Vive-se os atractivos do amor, deixamo-nos levar e embalar... Tudo é belo e fácil. Mas "amar" verdadeiramente é a outra face do amor, a segunda fase: aquela em que se é mais consciente, mais responsável. Amar verdadeiramente não surge de repente e sem esperarmos, não é possível sem o nosso consentimento. Amar verdadeiramente é dar-se. Não há amor verdadeiro sem dom de si próprio. E isto é qualquer coisa que vai muito além do simples facto de ficar apaixonado. Falaremos disto mais adiante.

Textos escolhidos

As mais belas declarações de amor... na Bíblia

Oseias (2,21-25)

Desposar-te-ei para sempre;
desposar-te-ei na justiça e no direito,
na ternura e no amor;
desposar-te-ei na fidelidade,
e tu conhecerás o Senhor.

Nesse dia - diz o Senhor -,
eu serei propício aos céus,
e os céus serão propícios à terra;
a terra será propícia ao trigo, ao vinho e ao azeite,
e estes propícios a Jezrael.
Eu a farei para mim, uma terra bem semeada
amarei a não amada
e ao "não meu povo" direi: Tu és o meu Povo!
e ele me responderá: "Tu és o meu Deus".

1 Cantico dos canticos, de Salomão.

2 Beija-me com beijos da tua boca.
Porque os teus amores são mais deliciosos do que o vinho;
3 E suave é a fragância dos teus perfumes;
o teu nome é como perfume derramado,
e é por isso que os jovens te amam.
4 Leva-me atrás de ti, corramos!
O Rei "introduziu-me nos seus aposentos",
serás a nossa alegria e o nosso júbilo.
cantaremos os teus amores mais suaves do que o vinho;
como temos razão para te amar!

(Prólogo)

8 Esta é a vez do meu amado!
Ei-lo que aí vem
saltando sobre os montes,
pulando sobre os outeiros.
9 O meu amado é como a gazela
e como um jovem veado.

Ei-lo atrás dos nossos muros,
olhando pelas janelas,
espreitando através das gelosias.

10 O meu amado disse-me:
"levanta-te, minha amiga
formosa minha, e vem.
11 Eis que o inverno passou,
cessaram e desapareceram as chuvas.
12 Aparecem as flores na nossa terra,
chegou o tempo das canções,
e nas nossas terras já se ouve a voz da rola.
13 A figueira começou a formar os seus primeiros figos,
e a vinha em flor exala o seu perfume.
Levanta-te, amiga minha,
formosa minha e vem!
14 Vem, minha pomba, que te ocultas nos fundos dos rochedos
e nos fundos das rochas escarpadas,
mostra-me o teu rosto,
faz-me ouvir a tua voz,
porque a tua voz é suave
e gracioso o teu rosto.
15 Apanhai as raposas,
as raposas pequenas
que devastam as nossas vinhas,
porque as nossas vinhas já estão em flor
16 O meu amado é para mim e eu sou para ele;

(2º poema 2,8-15)

II O que é o casamento?

Quando se fala do casamento, trata-se de outra coisa. Quase se poderia dizer, forçando um pouco, que não tem nada a ver com o amor!

1. O casamento é uma instituição humana.

É sem dúvida uma das instituições fundamentais da sociedade. Pode-se dizer que, sob formas diferentes, ele se encontra em toda a parte, que é uma peça mestre para a sobrevivência e consolidação do sistema social.

O casamento é portanto uma realidade humana universal, um acto social, um contrato social que, como tal, não implica que o amor seja uma das suas componentes: é uma aliança das famílias mais do que dos indivíduos.

Na maioria das vezes nas sociedades antigas que conhecemos, este contrato dependia menos da escolha pessoal do que da escolha da família ou do clan. Para nos limitarmos ao modelo ocidental e à sociedade de tipo patriarcal, é o pai que dá a sua filha em troca duma compensação. O dote, no sentido moderno, teria sem dúvida aparecido, então, uma aberração...

Num tal contexto, o consentimento pessoal era secundário e o amor não tinha valor determinante.

Instituição humana, o casamento tomou formas diversas segundo a diversidade dos tipos de sociedade e cultura. Não é possível traçar aqui um panorama mesmo que em linhas gerais, da evolução do casamento. Pode-se dizer simplesmente que o modelo de instituição que prevaleceu no Ocidente, depois de múltiplas peripécias, resulta do primado reconhecido ao direito romano sobre os diversos direitos consuetudinários (celto, germânico...). E o direito romano punha em relevo uma concepção consensual. O princípio era "consensus facit nup tias": é o consentimento das duas partes que faz o casamento.

2. Foi a Igreja que unificou e impôs a concepção do casamento

Isto não se fez em poucos anos... Houve que lutar contra uma poligamia de facto, contra a consaguinidade (donde derivam as interdições levadas até ao sexto grau de parentesco), contra a prática das repudiações e dos divórcios...

A igreja viu-se obrigada, com efeito, a codificar o casamento, substituindo-se ás autoridades enfraquecidas da sociedade civil, quando retomou as responsabilidades e as funções do império carolíngio no Ocidente.

Foi ela que impôs:

- a monogamia (pode-se dizer que Carlos Magno foi o último príncipe praticante da poligamia, enquanto que o rei Dagobert - o da canção - exibia ao lado da rainha titular, nada menos do que 32 concubinas.

  É verdade que os Gestas Francorum reconhecem: "o rei Dagoberto cometeu algumas acções repreensíveis segundo a religião, porque ninguém pode ser perfeito");

- o consentimento individual das duas partes;

- a indissolubilidade.

Foi a Igreja que fixou um certo número de interdições, nomeadamente em matéria de consanguinidade (as interdições foram notavelmente reduzidas, no Concílio de Latrão em 1225).

Foi ela que incluiu o casamento entre os sacramentos (em meados do sec. XII).

A Igreja fundou a sua teologia do casamento baseada sobretudo, no pensamento de Sto. Agostinho que, contra certas heresias, tinha afirmado de forma bem vincada o valor positivo do casamento ao qual atribue três bens: "fides, proles, sacramentum" - digamos: a fidelidade, a fecundidade, a dimensão sacramental.

Acrescentemos que foi a Igreja quem impôs a obrigação canónica dum rito público, especialmente para evitar a praga dos casamentos clandestinos.

É no Concílio de Trento, no séc. XVI que a Igreja, afirmando, face à Reforma, os seus direitos sobre o casamento dos fiéis, exige como uma das condições de validade que ele seja celebrado perante um padre autorizado e duas testemunhas. Desde então habituámo-nos a centrar a nossa atenção sobre o rito religioso enquanto que, até aí, o casamento dos cristãos era perfeitamente válido e era um casamento de que o rito estava ausente.

Precisemos que a Igreja tem o poder de fixar as condições de validade dos sacramentos e portanto o de modificar os ritos do casamento.

Uma questão esteve sempre presente. Se o casamento é concebido como um contrato tornado válido pelo consentimento das partes, o que acontece com a relação conjugal ou a "consumação" do casamento que aparece como a matéria, o objecto preciso desse contrato?

Gratien, o grande jurista de meados do Séc. XII, diz no seu decreto: "É o consentimento que faz o casamento (é o princípio do direito romano), mas só a união dos corpos consuma o casamento". Noutros termos, o casamento "ratum non consummatum" ratificado mas não consumado, não é indissolúvel.

Parece que terá sido o bispo de Reims, Hincmar, que, em 860, foi o primeiro a enunciar a regra que é a regra da Igreja: a consumação é uma condição necessária ao carácter sacramental do casamento e da sua indissolubilidade.

O papa Alexandre III (1159-1181) pronunciou uma sentença que prevaleceu até aos nossos dias: o casamento existe pelo simples facto da troca de consentimentos; a partir daí ele não pode já ser dissolvido pela vontade dos esposos; mas o papa pode dispensar se ele não foi consumado.(1)

---

(1) Ver Gaudelier "Mariage et Divorce", na Revista de Teologia de Lovaina, 1988, nº4.

3. Legalismo e mística

A Igreja aplicou-se em definir as regras canónicas que regem a instituição do casamento. Era necessário fazê-lo. Mas, ao mesmo tempo, o casamento adquiriu importância nos seus aspectos jurídicos: monogamia, indissolubilidade, dever conjugal... Não havia nenhuma espécie de lugar para a mística e o amor não tinha um grande papel.

Assim, por exemplo, Marie de Champagne, filha de Aliénor d'Aquitanie e especialista em julgar "questões de amor" pronunciava-se desta maneira numa arbitragem: "O amor não pode estender os seus direitos sobre pessoas casadas. Com efeito, os amantes entendem-se naturalmente e gratuitamente sem serem constrangidos por qualquer necessidade, enquanto que os esposos são obrigados, por dever, a suportarem as vontades de cada um e a nada se recusarem".

Temos que reconhecer que uma concepção "mística" do casamento, sublinhando os seus valores espirituais, se é verdade que tem antecedentes notáveis entre os Padres da igreja da antiguidade cristã, constitui para a mentalidade cristã comum, uma contribuição bastante recente e moderna.

Mas mesmo na linha jurídica da Igreja, nota-se uma evolução interessante. Basta comparar os textos do código de Direito canónico de 1917 e os do último código revisto em 1983.

O código de 1917 definiu o casamento como um contrato. Distinguiu um fim primário: a procriação, e um fim secundário: a ajuda mútua (a que os antigos manuais acrescentavam: remédio para a concupiscência). O objectivo do contrato era: "a união e a aceitação mútuas, de forma perpétua e exclusiva dum direito sobre o corpo em vista dos actos próprios à procriação".

Graças á reflexão do Concílio Vaticano II - preparada por toda uma corrente de espiritualidade na qual as Equipas de Nossa Senhora tiveram o seu lugar - realizou-se uma evolução num sentido menos estritamente jurídico e mais humano. Assim, deixa de se hierarquisar os fins do casamento, fala-se menos do contrato (salvo

para designar o acto da troca de consentimentos) e mais de aliança, termo com uma construção nitidamente bíblica, e de comunidade de vida.

Citemos simplesmente a bela fórmula do primeiro canon sobre o casamento: "A aliança matrimonial, pela qual um homem e uma mulher constituem entre si uma comunidade para toda a vida, ordenada, pelo seu carácter natural, para o bem dos conjuges assim como para a geração e educação dos filhos, foi elevada, entre baptisados, por Cristo Senhor, à dignidade do sacramento".

Se o direito canónico, que rege o casamento cristão continua a ser direito e a exprimir-se em termos jurídicos, é o carácter de sacramento que permite que a espiritualidade e a mística ocupem o lugar que lhes pertence. Esta realidade terrestre, esta instituição social tão marcada pelas condições sociais, económicas, culturais e, tantas vezes pela política é, para os cristãos, um canal de graça e meio de santificação. E isto altera muitas coisas. Permite, nomeadamente, que o amor ocupe um lugar de relevo.

Permanece o facto de fatalmente, nos termos de haver com essa tensão inevitável que existe entre a instituição e a vida, entre o que está regulado, regulamentado o que é, por excelência, espontâneo, imprevisível...É aí precisamente que se situa a ligação entre o casamento e o amor.

4. Regras inamovíveis?

Foi a Igreja quem fixou as formas e os critérios para o casamento legítimo dos cristãos. Fê-lo num contexto histórico ocidental, segundo a mentalidade duma cultura determinada. E esta realidade humana tornada sacramento permaneceu marcada pelas referências desse contexto.

Assim, será legítimo afirmar-se que estas regras estão fixadas universalmente e duma vez por todas? A crise actual do casamento convida-nos sem dúvida a reflectirmos sobre a resposta a esta questão. A Igreja

tem o poder de modificar as regras como teve o poder de as codificar.

A questão essencial é saber qual é o cerne intangível do casamento e o que pode ser modificado sem pôr em risco o essencial.

Limitar-nos-emos a apontar dois exemplos.

A propósito da indissolubilidade, sabe-se que a tradição cristã oriental é nitidamente menos rigorosa, permitindo em certos casos separação dos esposos e novo casamento do conjugue inocente. No Concílio, alguns Padres orientais defenderam calorosamente a causa do reconhecimento desta tradição.

Em África põe-se o problema do sentido a reconhecer ao casamento consuetudinário. Por altura de um congresso em 1984, o cardeal Malula pronunciou uma ardente defesa do reconhecimento do conceito africano do casamento e da família. É preciso saber-se, por exemplo, que o casamento africano "é antes de mais, uma aliança entre duas famílias" sem que, no entanto, o consentimento familiar indispensável, suplante o dos noivos. É preciso saber-se que o casamento consuetudinário era considerado como um verdadeiro casamento - e não como concubinato, mas que se realiza por etapas sucessivas. Por outro lado o critério de consumação em que se fundamenta a indissolubilidade e que está ligada a uma cultura particular, deverá ser imposto como um critério universal? O Cardeal Malula resumia a questão nestes termos: "no conceito africano do casamento, dever-se-á falar dum casamento à experiência? O casamento consuetudinário deverá ser considerado como um concubinato? A consumação do casamento através de um único acto sexual deverá tornar-se fundamento legítimo de um imperativo absoluto a impor a todos os povos? (1)

---

(1) Ver Documentation Catholique, nº 1880, 2/9/1984

Poder-se-íam acrescentar muitas outras questões que se colocam ao nível da cultura ocidental, em que se baseia a concepção oficial. Por exemplo, hoje em dia devemos ainda manter que todo o casamento válido entre baptizados é um sacramento, quando por vezes a fé já nem sequer intervém...

Textos escolhidos

O Sim

Tudo começou por um sim,
Num belo dia de criação, um sim do céu à terra,
Um sim de Deus lançado no vazio para apaziguar o caos,
Um sim de vida soprado sobre um casal,
Uma longa história de Amor nasceu dum sim.
Num sim a um povo escolhido para uma louca aliança,
Num sim de Maria para comprometer o futuro,
O sim dos profetas, dos discípulos para anunciar a vida
Um sim de Jesus dito e redito à humanidade.
E florescerá um novo dia sob o sol, numa bela manhã,
E haverá o teu e o meu sim, recíprocos,
Um sim de doçura como uma carícia,
Um sim de ternura como um beijo,
Um sim ao outro pelo que ele é e pelo que ele será,
Um sim aos outros com o que viremos a ser,
Dois sins traçados no espaço e no tempo,
Dois sins compostos de infinito, com cores de eternidade,
Dois sins no crepúsculo de nossa vida para inaugurar o amor,
Dois sins enraizados num olhar para olhar para amanhã,
Dois sins para afirmar a audácia do amor,
Dois sins para cantar que o outro existe e faz existir,
Dois sins para tecer e redizer em cada dia o nosso amor,
Dois sins para arriscar o impossível
Com audácia e a força de Deus.

Isabelle e François

(Em "Reencontres", Paris, Droguet-Ardant, 1989)

Falem-nos do casamento.

Então, Almitra falou de novo e disse: E o Casamento, Mestre?

E ele respondeu, dizendo:

Vocês nasceram juntos - juntos ficarão para sempre.

Vocês ficarão juntos quando as brancas asas do norte dispersarem os nossos dias.

Sim ficarão juntos até na silenciosa memória de Deus.

Mas que haja espaços na vossa comunhão, e que os ventos do céu dancem entre vós.

Amem-se um ao outro, mas não façam do amor um entrave:

Que seja antes um amor em movimento entre as margens das vossas almas.

Encham cada um a taça do outro mas não a bebam duma vez.

Partilhem o vosso pão mas não comam da mesma migalha.

Cantem e dancem juntos e sejam alegres, mas permaneçam, cada um, único, tal como as cordas dum alaúde são distintas e no entanto vibram com a mesma harmonia.

Dêem os vossos corações, mas não à guarda um do outro.

Pois só a mão da vida pode conter os vossos corações.

E mantenham-se juntos, mas não demasiado próximos:

Porque os pilares do templo erguem-se distantes,

E o carvalho e o cipreste não crescem na sombra um do outro.

(Khalil Gibran, Le prophète)

III. TESTEMUNHAS DO AMOR ATRAVÉS DO CASAMENTO

Procedemos a uma abordagem do que é o amor e do que é o casamento. Pois bem! Afirmamos que um dos testemunhos mais importantes que os esposos cristãos têm a dar ao nosso mundo pode exprimir-se nestes termos: nós acreditamos no amor, nós acreditamos no casamento, nós acreditamos que o casamento vivido em sentido plenamente cristão é o lugar privilegiado do amor.

É um testemunho necessário porque na mentalidade que parece prevalecer hoje em dia, amor e casamento são realidades estranhas uma à outra e incompatíveis. Encontram-se mil exemplos... Basta olhar as peças de revista a maior parte baseadas sobre o triângulo clássico do casal normal e do ou da amante. É preciso introduzir um terceiro para ser possível falar de amor, é preciso procurá-lo fora do casal normal.

Na grande maioria dos filmes actuais é difícil encontrar um casal casado normalmente: isso parece doutros tempos, e completamente ultrapassado. Mostram-nos casais provisórios, unidos numa relação passageira. Um casal em que marido e mulher se amassem seria completamente incongruente! Tudo isto é o reflexo da mentalidade dominante.

Muitos jovens recusam o casamento-sacramento, o casamento-instituição. Consideram-no geralmente como um obstáculo ao amor. Indo ao encontro de Aliénor e sua filha dizem: o amor deve ser livre; não pode senão prejudicar-se ao ligar-se a uma instituição, a um compromisso. Encontra-se aí aliás a sempre eterna oposição entre instituição e liberdade, espontaneidade profetismo... E é verdade que talvez esteja na natureza da instituição o sufocar a espontaneidade.

Então se se quiser ser testemunha do amor no e pelo casamento, como é que será isso possível fazer-se? Quais são os pontos fortes dum tal testemunho? Vamos propor cinco e mostrar que são cinco caracteres do casamento que garantem a possibilidade de um amor verdadeiro.

1. O amor é uma "decisão"

E aqui que é preciso recordar a diferença entre "estar apaixonado" e "amar".

O amor não é um "dom dos deuses" que cai do céu. Não é um "encantamento". Não se é tocado pela varinha mágica duma fada (ou pela flecha do pequeno deus Eros), não se bebe um filtro mágico.

Não pretendemos de todo negar a existência do amor à primeira vista, mas o que é preciso sublinhar é que isso não basta.

O amor constroi-se. É preciso querer.

Um célebre psiquiatra americano, Scott Peck, escrevia recentemente: "os pais que dizem aos seus filhos: 'vocês devem estar-nos reconhecidos, vejam tudo o que fizémos por vocês'... a esses, falta-lhes amor... quando se ama é porque se quer!". E denuncia "a tendência geral em confundir o verdadeiro amor e o sentimento amoroso". O amor, diz ele, é um acto em que a vontade tem a sua parte que "transcende os efémeros sentimentos amorosos" (o caminho menos frequentado).

É preciso construir o amor.

A comparação clássica é muito verdadeira: o amor é uma grande chama, o amor é um fogo. Mas um fogo, que não é alimentado apaga-se e morre. Só ficam cinzas... À partida o amor é uma grande chama, um deslumbramento: Tudo é belo, tudo é fácil, tudo é poético. Depois vem o tempo. O tempo que enfraquece, que desgasta tudo. O tempo é prosaico por natureza e mata a poesia. (As crianças são naturalmente poetas. Mas o tempo que passa desgasta e mata o dom. Não são os verdadeiros poetas aqueles que reencontraram a sua infância?).

O Cardial Danneels gosta de dizer: "o amor é uma decisão".

"Digam aos que vos rodeiam que o amor é uma decisão. 'Eu quero amar-te': não é um sentimento, uma paixão, um desejo vago. O amor é uma decisão. Quero amar-te ainda que não possas responder senão parcialmente

ou mesmo nada à minha espectativa, mesmo se envelheceres, mesmo se a vida te gastar, mesmo se adoeceres, mesmo se caires; quero amar-te tal como tu és. (...) A crise do amor está enraizada numa falta de fé no amor como uma decisão". (Discurso feito às END em Bruxelas, Sept. 1987).

Para garantir a permanência desta decisão, é necessário um lugar estável e firme. Esse lugar é o casamento. Não se põe o amor em questão todos os dias. Pusemo-nos a caminho para viver juntos, mesmo os dias "não", mesmo os dias em que não apetece, porque, precisamente, continua-se a amar ao nível da vontade profunda.

2. A permanência

A permanência no tempo faz parte integrante do amor verdadeiro e é-lhe necessária. Permanecer juntos enquanto tudo é fácil e sem problemas, para se separar face à primeira dificuldade séria, não é amor. O casamento implica, precisamente, o tempo e a permanência até à morte...

a) Permanecer é aguentar firme, através de tudo. Através das dificuldades que não faltarão. Afrontar juntos os momentos difíceis sem se enganarem um ao outro, sem escamotearem as realidades, liga e une mais. É o momento de dar um passo em frente na comunhão. É muitas vezes a ocasião do perdão e da reconciliação - que são tempos importantes e essenciais do amor. E é isso que alimenta a chama!

b) Permanecer, é descobrir sempre mais. Para poder alimentar o amor pela permanência, é preciso compreender que há sempre algo de novo a descobrir no conjuge. É preciso não acreditar depressa de mais que já se viu tudo o que havia para ver, que já se sabe tudo acerca do outro, que já não há nada de novo a esperar. Mas para isso é preciso conservar um olhar novo e continuar capaz de se deixar maravilhar.

c) Permanecer é ter paciência. Uma virtude que já não está nada na moda num mundo onde se quer tudo, imediatamente e sem maçadas... Trata-se pois dum testemunho que vai contra a corrente, na nossa civilização do precário, do provisório, da embalagem perdida, tal como os pratos em cartão ou as gilletes descartáveis o amor arrisca-se a aparecer também como um objecto de consumo que se deita fora mal começa a estar usado.

O casamento é o lugar do permanente, do durável da partilha prolongada, do tempo que se recebe e que se dá para que a compreensão mútua seja possível, para que possamos, juntos, esperar e termos esperança.

d) Permanecer é evoluir juntos. É conhecida a fórmula célebre de Saint-Exupéry: "Amar, não é olhar um para o outro, é olhar juntos na mesma direcção".

Para caminhar juntos na mesma estrada, mão na mão e se possível com o mesmo passo... Se é verdade "que um irmão amparado pelo seu irmão é uma fortaleza" (Pr. 18,19) um casal unido é como um exército em marcha!

É também mudar juntos, pouco a pouco, dia a dia. E é envelhecer juntos. Há um aspecto novo do casamento que é preciso estudar de perto. Vive-se mais tempo, normalmente está-se casado durante muitos anos. É preciso saber gerir uma nova fase de vida a dois: a fase da velhice, a fase da reforma. Saber envelhecer juntos!

Há, pois idades e etapas do amor; há idades e etapas do casamento para enquadrar. É preciso descobrir e saber apreciar, saber verdadeiramente saborear o encanto de cada uma destas idades. É preciso saber encontrar o sabor específico de cada uma destas etapas que nunca mais voltarão.

É preciso tornar falsa e mentirosa a detestável definição: amamo-nos três meses, discutimos três anos, suportamo-nos 30 anos!

e) Finalmente, é preciso saber integrar na permanência as crises inevitáveis. Elas não são necessariamente uma catástrofe! Podem ser crises de crescimento, num pro-

cesso normal de evolução e desenvolvimento. Mas podem ter em si uma espécie de travessia do deserto ou "noite obscura". É então que é preciso aguentar firme.

3. A fidelidade

A fidelidade é uma exigência fundamental do casamento cristão. Ela é também uma condição essencial do verdadeiro amor. Amor= a sempre! O amor não é uma borboleta que esvoaça de flor em flor sem jamais se fixar; a imagem do amor é a da hera "que morre, ali, onde se prendeu."

A fidelidade, com tudo o que significa de exclusivo, é a condição duma permuta verdadeira e total, duma comunhão íntima e profunda. A camaradagem pode aceitar a multiplicidade: formam-se grupos de camaradas. A amizade é mais selectiva porque convida a uma intimidade maior. O amor, esse é uma amizade total que se exprime numa intimidade única, numa comunhão reservada. Está-se inteiramente dado um ao outro, reservado um para o outro e é em conjunto que se dão ao serviço dos outros e do reino de Deus.

Assim, mais uma vez, uma exigência do casamento aparece como uma garantia do amor verdadeiro.

Mas a fidelidade não vai de per si e não é fácil.

É preciso convencermo-nos que ninguém está ao abrigo da tentação. Por pouco que a rotina se instale, verificamo-lo facilmente olhando à nossa volta, o velho provérbio tem razão quando diz: "A erva é sempre mais verde no prado do vizinho".

A fidelidade é talvez a "nota" que sublinha melhor o carácter sagrado do amor, o que evita profaná-lo. "Uma aliança precária é uma blasfémia, um ultrage ao sagrado que cada um traz consigo. (...) O absoluto é o absoluto dum amor, quer dizer, duma aliança a toda a prova" (1).

---

(1) Jacques de Bourbon Busset em "La Confession de Don Juan".

4. A fecundidade

Não temos tempo suficiente para desenvolver convenientemente este ponto, mas é evidente que se trata duma dimensão do amor - e do casamento - que não se pode deixar de lado. E dizendo isto não estamos a pensar numa exigência ética, nem nos situamos na perspectivas dos moralistas que lembram o dever da procriação. Pomo-nos simplesmente e totalmente na perspectiva do amor.

É bem evidente, para quem quer que seja que não tenha o espírito deformado, que o amor quer ser fecundo. Está inscrito na sua natureza profunda, não somente na sua realidade física e "animal", como também na relação interpessoal do casal. Um homem e uma mulher que se amam, que se dão totalmente um ao outro, que procuram a mais íntima e a mais rica união pessoal, estão por isso em estado de desejo, na espectativa, em busca dum fruto durável, semelhante a eles próprios,à sua imagem. Encontram aí qualquer coisa do Deus criador (não foi por acaso que o ser humano, casal, foi feito à imagem de Deus); tornam-se por sua vez, "criadores". O amor é, por natureza, criador porque quer difundir-se.

Sabemos agora que a criança ficará marcada toda a sua vida pelo clima da sua mais tenra infância. Sabemos que um pequenino tem necessidade de ternura, até mesmo de manifestações físicas de ternura: ele precisa de ser acariciado, de ouvir uma voz meiga, de ser levado ao colo, de sentir o calor dum corpo humano. Numa palavra: ele tem necessidade de ser educado no seio dum casal onde reina o amor, num meio estável e seguro. Ele que deixou de estar mergulhado no seio da sua mãe - e esta separação que é o nascimento tem já qualquer coisa de traumatisante - tem necessidade de mergulhar num leito de ternura e de amor. Tem necessidade que os seus pais sejam os protagonistas dum casamento bem sucedido!

E ainda aí o casamento é, normalmente, a melhor garantia. Porque o fruto do amor desse homem e dessa mulher, a criança, não pode desenvolver-se, amadurecer,

crescer, com todas as suas potencialidades de vida senão num lar estável, num lar unido.

5. O lugar do sacrifício

Falta assinalar um aspecto menos agradável mas necessário. É a presença, no amor e no casamento, do sacrifício. É o que se poderia chamar o aspecto crucificante do amor. Não se cede, com isto a uma qualquer tendência dolorista. A verdade é que nem tudo é fácil nem se faz sem esforço.

Penso que não há amor verdadeiro, um grande amor, sem uma certa experiência de sofrimento. Amar é, também, ser capaz de sofrer. Amar é também tornar-se mais vulnerável. Não há amor sem sacrifício de si próprio.

O psicólogo americano Scott Peck insiste sobre essa necessidade do sacrifício de si próprio no amor. "Afirmando isto, diz ele, estou consciente que estou a remar contra a corrente visto que a noção de sacrifício foi substituída pela realização pessoal" (op.cit.). Mas não há realização verdadeira sem sacrifício.

É que o amor verdadeiro, total, comporta uma dimensão importante de desprendimento: amo-te para ti, e não para mim. E isto implica muitas vezes, uma renúncia de si mesmo que pode ir muito longe. Temos sempre que voltar à palavra de Jesus: "não há maior amor do que dar a vida pelos que amamos".

Precisamente a graça do sacramento do matrimónio ajuda a aceitar os sacrifícios necessários, ajuda a viver o amor através das renúncias indispensáveis. E aliás, a experiência mostra-o, o sacrifício, aquilo que é feito por amor, não é incompatível com a alegria, com a felicidade. Também aí pode haver mais alegria em dar do que em receber.

Conclusão

Em conclusão pode-se talvez dar mais um passo...
O casamento, para o cristão, é um sacramento fonte

de graça, de vida divina. O casamento, para o cristão, é semelhante à imagem da aliança de Deus com o seu povo, e da união de Cristo com a sua Igreja. É o mesmo que dizer que o casamento é um caminho ao encontro do amor total, amor ao mesmo tempo humano e divino.

Enquanto que durante muito tempo tanto na prática como segundo uma certa espiritualidade, o amor humano apareceu como um concorrente senão como um obstáculo ao amor de Deus, hoje - e mede-se aí toda a contribuição duma verdadeira espiritualidade conjugal - estuda-se cada vez mais a dupla relação que os liga.

Por um lado a experiência vivida do amor humano ajuda a descobrir e a compreender o amor divino. Os esposos têm nesse aspecto uma vantagem sobre os "celibatários pelo reino de Deus", padres, religiosos e religiosas. Possuem um trunfo notável: a partir da sua própria experiência de vida de amor, podem compreender melhor o que é o amor, o que é o Amor de Deus. E é por isso aliás que os padres que partilham a vida das equipas são profundamente enriquecidos.

Por outro lado é através duma melhor compreensão do amor de Deus que se pode compreender o que deve ser o amor humano com toda a sua riqueza de dom de si próprio, de respeito pelo outro, de perdão...Isto ajuda muito particularmente, a compreender como o amor do casal deve com o tempo, com a graça, crescer e evoluir dum tipo de amor captativo e possessivo, como é tantas vezes ao princípio, no sentido dum amor mais oblativo como é o amor de Deus que se dá.

Parece que as crianças nascem com os punhos fechados: pode ver-se nisso o símbolo do desejo nato de captar, de tomar, de possuir. É preciso aprender e abrir as mãos para dar... Então o amor humano e o amor divino encontram-se e tornam-se num só amor. Amar e viver na caridade divina é uma e a mesma coisa. Não há senão um único amor!

Eis o grande testemunho que se espera hoje. Deixo a última palavra ao Cardeal Danneels: "Em qualquer lugar devemos poder mostrar não digo santos (e porque

não Senhor Cardeal?), mas casais que vivem de uma verdadeira inspiração cristã. Estou convencido que se encontra aqui um dos grandes motivos da credibilidade possível para a Igreja e que hoje nos falta".

Textos escolhidos

Bodas de ouro

Cinquenta anos de vida em conjunto!
Cinquenta anos de alegria e de desgostos, carregados em conjunto!
Cinquenta anos de trabalho
Cinquenta anos de amor e de fidelidade,
dados um ao outro,
como o mais belo dos presentes
apesar das nossas diferenças e fraquezas,
nós te louvamos Senhor.

Está bem longe o dia em que ligámos os nossos destinos
- e no entanto parece-nos tão próximo.
Porque se envelhecemos, oh! quanto,
o nosso coração, esse está jovem ainda,
está sempre novo,
cada um ajudando o outro,
apesar das preocupações, apesar das doenças.
Conserva-nos, Senhor, a juventude do coração.

Na estrada da vida, Senhor,
avançamos mais ao menos depressa,
ora é fácil ora difícil.
Pedimos-te perdão, Senhor
pelos nossas lentidões e pelas nossas faltas de coragem
Continua, Senhor, a amparar-nos
ao longo dos anos que nos restam,

Queremos também dizer-te obrigado pelos nossos filhos.
Confiamos-tos e tu confiaste-no-los.
Cada um segue o seu caminho como é capaz, como quer.
É assim que as coisas se devem passar,
na liberdade e na confiança.
Tentámos ajudá-los.
E são eles, agora, que nos ajudam.
Mais uma vez, neste dia
nós tos confiamos.

Protege-os, Senhor, ampara-os,
Com os seus filhos - nossos netos -
que são igualmente queridos aos nossos corações.

Neste tempo de aniversário,
Senhor, nós te louvamos, bendizemos,
e te damos graças
por nos teres dado esta alegria de estarmos juntos.
Renovamos as nossas promessas e os nossos compromissos,
e estamos prontos para continuar, se tu assim o quizeres.
Amen. Aleluia.

(na Revista "Prier")

CAPÍTULO II

O CASAMENTO,

CAMINHO

DE FELICIDADE.

I. Quem nos fará descobrir a felicidade? (Ps. 4,7)

1. Toda a gente procura a felicidade

Conhece-se a definição de homem, de Heidegger: um ser-para-a-morte. Com a mesma razão, acrescida da fé, podemos dizer: o homem é um ser-para-a-felicidade.

Se puséssemos a questão em estilo jornalístico: "o que atrai mais os homens?", a resposta mais generalisada seria: a procura da felicidade. Pascal di-lo de uma forma impressionante: "Todos os homens procuram ser felizes, mesmo aquele que se vai enforcar".

É que a razão de toda a nossa actividade, de todos os nossos compromissos, de toda a nossa conduta é a busca da felicidade. É mesmo este o princípio sobre o qual S. Tomás de Aquino construíu toda a "Moral" da sua Teologia e que lhe confere um carácter original e determinante. Ele coloca o tratado sobre a beatitude logo no início da sua "Teologia Moral": é a felicidade que é o fim último de toda a actividade humana que dá um sentido e uma orientação a todas as acções particulares.

E assim toda a moral humana está condicionada e pautada pela busca da felicidade e a lei moral não é, afinal, nada mais do que o guia e a garantia dessa orientação.

2. Mas o que é a felicidade?

Pilatos perguntava: o que é a verdade? Podemos perguntar-nos da mesma maneira: o que é a felicidade?

Há uma quantidade de noções que nos ocorrem e que põem em relevo aspectos diferentes: beatitude, bem estar, euforia, contentamento, satisfação. Fala-se também de Paraíso, de Eden, de sétimo céu...

Convém debruçarmo-nos sobre duas noções, bem diferentes - alegria e prazer - que têm qualquer coisa a ver com felicidade.

- O prazer pertence ao domínio do sensível, do

relativo ao corpo, pelo menos no imediato: os prazeres da mesa, o riso que diverte. A alegria é mais espiritual: é uma dilatação da alma.

- O prazer é efémero por excelência; situa-se e vive-se no momento ("Prazer de amor não dura senão um instante..."). A alegria tem qualquer coisa de durável: prolonga-se no tempo.

- Se o prazer pode ser íntimo a ponto de projectar, fora do tempo e do real, no extase, acaba-se por ter de voltar a assentar os pés no chão. A alegria é uma promessa de eternidade. Por isso o prazer pode ser sem alegria e a alegria sem prazer.

Há definições clássicas. Os dicionários dizem geralmente que a felicidade é o estado de perfeita satisfação interior. Boèce possuía uma dessas fórmulas lapidares que o latim permite: "Status omnium bonorum congregatione perfectus": o estado perfeito resultante da acumulação de todos os bens" (Boèce, 3 De Consol.2).

Note-se que se, na intenção, a felicidade está no princípio, no início dos nossos passos (é o alvo que se visa), na sua realidade concreta ela é um resultado: aquilo que finalmente se pode alcançar.

"A natureza avisa-nos, através dum sinal preciso que o nosso destino foi atingido. Esse sinal é a alegria. E digo alegria, não digo prazer". (H. Bergson, "A energia espiritual").

A busca da felicidade é um fenómeno tão universal e fundamental que poderiamos defini-lo: aquilo que todo o homem procura para se sentir cumulado. Percebemos que se trata duma plenitude: Tudo o que se deseja e para sempre.

3. Que nos diz a Bíblia?

Ela tem o seu vocabulário próprio. Para sabermos o que se pensa da felicidade no antigo testamento, há que procurar nas palavras benção, paz, alegria e vida. E muitas vezes a felicidade é sinónimo de longa vida, de longos dias.

- O Decálogo promete a quem honra o seu pai e a sua mãe uma "longa vida e felicidade na terra" (Dt 5,16).

- "Serás abençoado na cidade e serás abençoado no campo..." (Dt. 28,3).

- Deste-lhe a vida que ele pediu: "dias sem conta pelos séculos fora" (Sal. 21,5).

- "A graça e a bondade hão-de acompanhar-me todos os dias da minha vida; a minha morada será a casa do Senhor ao longo dos dias". (Sal. 23,6).

"Ei-de saciá-lo com longos dias" (Sal. 91,16).

A fonte da felicidade é Deus: é ele quem dá paz alegria e vida. Na literatura sapiencial, é a Sabedoria que confere, da parte de Deus, a felicidade!

Ela "prolongará a duração dos teus dias, dos teus anos de vida e de bem estar". É o temor do Senhor (sinónimo de piedade, de religião) que alegra o coração, dá alegria, felicidade e longa vida". Feliz o homem que teme o Senhor, ele é poderoso sobre a terra, assegura a vida, riqueza, salvação..."

Finalmente, a beatitude é o próprio Deus.

- "Disse a Javé: a minha felicidade é o Senhor" (Ps 90).

- "Felizes aqueles que esperam em ti" (Is 30,8).

- "Feliz o homem que se confia a ti" (Ps.84,13).

Trata-se sempre, em tudo isto, duma felicidade terrena: o justo é recompensado. Mas aqui e ali abrem-se perspectivas sobre horizontes ainda um pouco vagos:

"Por isso o meu coração exulta e as minhas entranhas rejubilam,
e a minha carne repousará em segurança;
vós não me entregareis à mansão dos mortos,
nem deixareis que o vosso amigo veja a sepultura;
ensinar-me-eis o caminho da vida,
na vossa presença, a plenitude da alegria,
à vossa direita, as delícias eternas. (Ps 16,9-11).

E a expressão mais bela e a mais plena continua a ser, sem dúvida, a oração de Moisés sobre a montanha: "Concede-me, Senhor, ver a tua glória" (Ex. 33,18). Mas será preciso esperarmos pelo novo testamento para ouvirmos falar da visão de Deus face a face. E sabemos que não podemos ver a face de Deus nesta vida.

No novo testamento, o que se deve desejar e procurar acima de tudo é o Reino de Deus. Essa é a pérola preciosa ou o tesouro escondido que merece quem lhes sacrifique tudo o resto. É o objectivo supremo proposto pelos evangelhos sinópticos: "procurai primeiro o Reino de Deus, e tudo o mais vos será dado por acréscimo".

João fala sobretudo da vida como do bem mais precioso, a vida eterna. Mas menciona também uma vez a visão de Deus.

"Bem amados, desde agora somos filhos de Deus e o que seremos não foi ainda manifestado. Sabemos que por altura dessa manifestação, seremos semelhantes a Ele, porque O veremos tal como Ele é". (Jo.3,2).

Paulo prefere falar da salvação (1 Th 5,8;2.19; 1 Col 1,6s), da vida eterna (1 Cor. 15,19;Ti.1,2) ou de glória, glória de Deus na qual seremos chamados a participar. É através destes termos que ele exprime o objecto supremo da nossa esperança ou da nossa "herança": nós "aguardamos a bem aventurada esperança e a aparição da glória do nosso grande Deus e Salvador, o Cristo" (Ti. 2,15); herdamos a vida eterna (Ti. 3,7), a glória (Ep. 1,14) ou o Reino de Deus (1 Co 6,9-10; Ga. 5,21;Ep. 5,5).

E também fala da visão de Deus face a face: "Hoje vemos como num espelho, duma maneira confusa, mas, depois, será face a face..." (1 Co. 13,12).

Finalmente, a felicidade suprema, é estar com o Senhor na vida eterna. E a ideia da felicidade é muitas vezes expressa em imagens como a das núpcias ou do festim: é a festa, a grande festa das núpcias do cordeiro. Só seremos cumulados através dessa união definitiva com Deus.

4. O verdadeiro problema.

"A finalidade do homem é ser feliz. Jesus Cristo não veio senão para nos proporcionar os meios. Pôr a felicidade onde ela deve estar, é a fonte de todo o bem; e a fonte de todo o mal é pô-la onde não deve estar. Digamos portanto: Eu quero ser feliz. Vejamos como: vendo o fim em que consiste a felicidade; vendo os meios para lá chegarmos". (1)

O verdadeiro problema é saber no que consiste a nossa felicidade. A teologia clássica quiz ver nessa imensa e incessante aspiração, como um vazio, o desejo natural de ver Deus, inscrito pelo próprio criador no coração do homem. É conhecida a célebre frase de Santo Agostinho: "Fizeste-nos para ti Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em ti". (2)

Mas este vazio, não o preenchemos sempre com o verdadeiro Bem. Os homens põem o seu bem supremo um pouco por toda a parte... Nem sempre através dum acto deliberado e decisivo - temos a sorte de nos podermos arrepender e emendar os erros feitos, por vezes dramáticos, graças a uma conversão total.

Hoje em dia fazem-se sondagens a propósito de tudo e possuem-se estatísticas. Ora a maior parte dos resultados e das estatísticas que deles resultam, mostram que, para os jovens, a ideia de felicidade é o sucesso do casal e da família. Para eles a felicidade identifica-se ainda e sempre com o amor.

É nos factos, na prática concreta, que vemos onde colocámos a nossa felicidade ("onde estiver o vosso tesouro, aí estará o vosso coração").

---

(1) Bossuet, Meditações sobre o evangelho.

(2) Santo Agostinho, Confissões, I,1.

Em que reside, concretamente, a nossa felicidade? Na carne? "Vivam os sentidos! só eles não enganam!" (Montherlant, As fontes do desejo). Mas também: "Como a carne é triste!". (P. Valéry). Então, nas honras e na glória? Ou antes no poder, Ciência, na Arte? Ou, ainda, no dinheiro? É o que parece tentar a maior parte das pessoas e é preciso um provérbio de sabedoria popular para convencer de que: "O dinheiro não traz a felicidade!".

Mas, também aqui a dificuldade é a da relação entre o amor e casamento e, portanto, entre felicidade e casamento. Para se ser feliz, para viver um amor feliz, pensa-se que é necessário manter-se livre, evitar todo e qualquer compromisso, qualquer "laço". Pode o amor durar toda a vida? É razoável jurar fidelidade por quarenta anos ou cinquenta anos? O casamento cristão não é, pois, um obstáculo ao amor?

5. Será a felicidade possível?

Se falamos de felicidade absoluta da "bem aventurança", não pode tratar-se senão de Deus. É "Ver Deus". Fora disso acreditamos que só podem existir felicidades relativas. Mas há "felicidades criadas" e grandes felicidades. Nós pensamos, e experimentamos, que o amor no casamento é uma delas, que o casamento e a família são o lugar natural da felicidade.

Há talvez aqui uma questão a clarificar. Assim como houve desde sempre um contencioso entre a Igreja e a sexualidade, da mesma maneira existe entre a Igreja e o prazer, senão com toda a forma de alegria e de gozo. Ora no amor, no casamento, prazeres e alegrias estão estreitamente ligados e são ambos componentes do amor. É tempo de compreender que as alegrias, os prazeres, o usufruir da criação não são de condenar e podem servir a Deus. É tempo de deixarmos de ser tributários duma espiritualidade com ressonâncias dolorosas que se confundem vezes de mais com o espírito cristão.

Há um certo desprezo pelo corpo e uma desconfiança quase instintiva em relação ao que é corporal. E isto

vem-nos duma antiga tradição cultural e espiritual. Pense-se no corpo, prisão da alma segundo Platão, ou no "corpo de morte" de São Paulo, quere no "irmão burro" de S. Francisco - há uma certa vergonha que permanece ligada ao corpo.

Há uma exaltação do sofrimento, da cruz. É verdade que o sofrimento é uma realidade; até certo ponto é mesmo inelutável e quando se pensa que atinge uma tão grande parte da humanidade, então o sofrimento aparece como um mistério e um escândalo!

Mas o sofrimento não é um bem em si mesmo, não é uma virtude e é preciso combate-lo tanto quanto possível. É verdade também que Cristo escolheu operar a salvação dos homens através do sofrimento. Desde então, o sofrimento, foi santificado n'Ele e por Ele; e pode tornar-se também em nós, meio de redenção, de santificação.

Todos estas verdades orientaram a mentalidade cristã para um certo dolorismo ou uma espécie de fatalismo. A felicidade é para a outra vida; aqui em baixo estamos num vale de lágrimas e não há que querer escapar...

E no entanto! O desejo de felicidade está inscrito no mais profundo do nosso ser e vive em nós como um apelo incessante. É, em nós, a "marca da fábrica", o selo do criador. Também nisso somos feitos à sua imagem: para sermos felizes! É porque Deus era infinitamente feliz e tinha felicidade "para dar e vender" que quis criar, inventar seres com os quais partilhá-la. Esse é o motivo secreto da criação! Pensamos nós em agradecer a Deus em cada dia por nos ter criado?

É portanto necessário uma educação para a felicidade.

Temos de nos persuadir que não há que ter medo de ser feliz e temos de dizê-lo em voz bem alta. Encontra-se ainda em muitos cristãos esta espécie de medo irracional: não se atrevem a ser felizes com medo de, a seguir, ter de o pagar caro... como se, assim, nos arriscássemos a despertar um Deus ciumento; como se Deus não fosse o primeiro a querer-nos felizes!

Enfim, nesta educação para a felicidade é preciso cultivar a capacidade de ser feliz. E isso aprende-se. Há pessoas que, certamente, nunca encontrarão a felicidade, simplesmente porque a ela estão fechadas. Porque aplicam a sua arrogância, o seu orgulho, ou a sua estupidez a quererem tornar-se infelizes, rejeitados, incompreendidos...

É preciso estar-se aberto à felicidade e saber reconhecê-la e aceitá-la quando ela surge. E isso acontece mais vezes do que se pensa...

Textos escolhidos

As imagens de felicidade na Bíblia

6 Então o lobo habitará com o carneiro,
e o leopardo deitar-se-á ao lado do cabrito,
o novilho e o leão comerão juntos,
e um menino os conduzirá.
7 A vaca pastará com o urso,
as suas crias repousarão juntas;
O leão comerá palha com o boi.
8 O recém nascido brincará na toca da cobra,
e o menino desmamado meterá a mão na caverna da serpente.
9 Não haverá dano nem destruição
em todo o meu Monte Santo
porque a terra está cheia de ciência do Senhor
tal como as águas que cobrem o mar.

Isaias (II,6-9)

Ouvi então como que a voz de uma grande multidão, como o ruído de muitas águas e o ribombar de grandes trovões que dizia: "Aleluia! Eis que o Senhor nosso Deus, o Todo-Poderoso tomou posse do Seu Reino. Regozijemo-nos, alegremo-nos e demos-lhe glória; porque chegaram as núpcias do Cordeiro, a Sua esposa já está preparada e foi-lhe dado vestir-se de linho fino, puro e resplandecente - o linho fino são as virtudes dos fiéis. Disse-me então: "Escreve: Felizes os que foram convidados para o banquete de núpcias do Cordeiro". Disse-me ainda: "Estas são as verdadeiras palavras de Deus".

(Apc. 19,6-9)

A nova Jerusalém.

Vi, depois, um novo céu e uma nova terra, porque o primeiro céu e a primeira terra haviam desaparecido, e o mar já não existia. E vi a cidade santa, a nova Jerusalém que descia do céu de junto de Deus, bela como uma esposa que se ataviou para o seu esposo. E ouvi outra grande voz que saía do trono e que dizia: "Eis aqui o tabernáculo de Deus entre os homens. Habitará com eles, serão o seu povo e o próprio Deus habitará com eles. "Ele enxugará as lágrimas dos seus olhos; não haverá mais morte, nem pranto, nem gritos, nem dor porque o velho mundo acabou".

Então o que estava sentado no trono disse: "Eu renovo todas as coisas".

Apo. (21,1-5)

O prazer

Então, um ermita que visitava a cidade uma vez por ano, avançou e disse: Falai-nos do Prazer.

E ele respondeu, dizendo:

O prazer é um canto de liberdade,
Mas não é a liberdade.
É a manifestação dos vossos desejos,
Mas não é o seu fruto.
É uma profundidade chamando por um cume,
Mas não é nem o abismo nem o pináculo.
É o prisioneiro tentando voar.
Mas não é o espaço que o rodeia.
Sim, na verdade o prazer é um cântico de liberdade
E bem gostaria de vos ver cantá-lo de todo o coração;
Mas não gostaria de ver-vos perder os vossos corações nesse cantar.

(Khalil Gilbran, O profeta)

II. A Felicidade Conjugal

1. Uma felicidade a conquistar

Entre as felicidades que nos são acessíveis e que têm um gosto de eternidade, a felicidade conjugal está em primeiro lugar.

Um homem e uma mulher que se amam, que aceitam unir as suas vidas, os seus destinos, que caminham juntos, mão na mão, com a graça de Deus que está com eles e neles, esses, são mais fortes para afrontar a vida e são felizes um com o outro.

Um homem e uma mulher que se sabem unidos por Deus, sabem bem que os dias não são sempre cor de rosa e que mesmo o seu amor pode atravessar dias difíceis. Mas sabem também que a força de Deus que está com eles, os tornará capazes de se compreenderem, de se perdoarem, de se reconciliarem. Nesses momentos de comunhão profunda, há felicidade entre eles.

E há também essa união na carne, que, se for ao mesmo tempo expressão e fonte de amor, traz consigo verdadeiros momentos de felicidade. Porque o "amor sexual, não é somente apaziguamento da concupiscência, é "comunhão espiritual na carne" de dois seres que se amam".

Os casais felizes não têm história e daí que não se fala neles. Especialmente nos meios de comunicação social que têm uma influência tão grande nas modas e chegam mesmo a condicionar a nossa vida privada. Portanto, não nos interrogamos sobre os casais felizes e não se sabe cientificamente o que os leva a funcionarem bem "O casal feliz, diz a psicoterapeuta Chantal de Moustier, é como a caixa preta do Boeing. Antes do desastre, ninguém sabe o que há lá dentro".

2. As duas faces do amor e da felicidade

O amor tem duas faces que são também, de certa maneira, as duas faces da felicidade. E o casamento é

o seu lugar privilegiado.

No amor existe um aspecto "captativo". E é sem dúvida o primeiro tempo... Ama-se e deseja-se; a partir daí aspira-se a conquistar o objecto desse amor e desse desejo; (é o sentido do desfile amoroso tão espalhado e tão normal na natureza). Finalmente possui-se e encontra-se a alegria e a felicidade nessa possessão do objecto amado.

O casamento prevê e favorece essas diversas etapas. Há o encontro inicial e decisivo; depois as manobras de aproximação que encontram o seu enquadramento no noivado: Finalmente é o tomar posse e usufruir do ser amado. Pode-se notar que há uma alegria específica para cada uma destas etapas: há formas de felicidade diferentes que importa saber aproveitar. Se se queimam as etapas, privamo-nos de formas de alegria que não mais voltarão...

Mas o amor não é só desejo, conquista e posse. É também "oblativo", é dom. Porque, precisamente, o objecto que se ama não é um simples objecto; também é sujeito, pessoa viva e autónoma. E o amor, o verdadeiro, é o encontro de dois seres livres de duas pessoas que se desejam mas que querem também dar-se uma á outra. E é aí, sem dúvida, que se encontra a maior alegria, a maior felicidade, se é verdade "que há mais alegria em dar do que em receber".

No casamento, este dom recíproco é a própria substância da união, da unidade que se selou e que se consagrou pelo sacramento, e é, entre dois seres, o dom mais íntimo, mais permanente e o mais total.

Será então de espantar que consideremos o casamento cristão como um verdadeiro caminho de felicidade?

Isso está inscrito na natureza do homem e da mulher ("homem e mulher Ele os criou", "o homem deixará o seu pai e a sua mãe unir-se-á à sua mulher e serão uma só carne" Gn ch. 1.2) que são feitos um para o outro e que é um pelo outro que atingirão a perfeição da sua "humanidade". Um casal feliz é essa perfeição de humanidade! E se Bergson tem razão a propósito da alegria, compreende-se que quando um casal se realiza

e que esse desígnio querido pela natureza - por Deus - é atingido, o sinal seja a alegria, o sinal e a recompensa sejam a felicidade.

3. A felicidade conjugal: em que condições?

A felicidade também se constroi: não se faz por si só. Constrói-se pela partilha de tudo o que se tem, de tudo o que se é. Constrói-se pelo dom que se faz de si próprio ao outro. E o casamento não é outra coisa senão a decisão e a permanência desse dom dum ao outro: dom dos corpos na busca duma harmonia carnal, dom dos corações e dos espíritos numa amizade privilegiada.

A felicidade, é o sucesso do casal e da família. Nas Equipas de Nossa Senhora pensamos que a família não pode ter êxito sem a realização do casal e é por isso que se começa por insistir tanto sobre essa realização.

Cada casal tem a sua história, cada casal tem a sua personalidade. E cada um tem o seu itinerário. Não é possível programar o destino dum casal e a sua realização. Não há receita para a felicidade. Mas há algumas regras a respeitar. A partir da experiência vivida podem-se enunciar algumas.

a) A não solidão

Comecemos por um dos primeiros elementos da felicidade conjugal que se pode exprimir desta maneira negativa. Porque trata-se mesmo da negação dum mal, dum sofrimento possível; não é a saúde, de certa maneira, a ausência da doença?

"Vae Soli!" diziam os romanos (Desgraça àquele que está só!). "Não é bom que o homem esteja só" diz o Génesis. É preciso ter uma sólida vocação de anacoreta para proclamar: "O beata solitude, o sola beatitudo!": bem aventurada solidão, única beatitude! (notemos que se trata duma solidão vivida a sós com Deus).

Sentir-se só, não ter ninguém com quem comunicar, com quem partilhar as suas alegrias ou as suas penas, é uma provação que , muitas vezes, se torna perigosa.

Pode conduzir à resignação, à desistência: renuncia-se a viver verdadeiramente; pode conduzir ao desespero. Haverá alguma coisa mais trágica do que o suspiro duma jovem de vinte anos que tentou suicidar-se: "ninguém me ama e eu não amo ninguém"?

Viver em casal é afastar a solidão, é partilhar, é viver em comunhão. Com a condição de se querer e fazer por isso. Porque esta comunhão não se faz sózinha nem, geralmente, sem esforço. A comunicação a todos os níveis e em todas as direcções, é sem dúvida o problema mais difícil e mais urgente que se põe à humanidade. Podemos sentir-nos sós no meio da multidão e mesmo no seio do casal. A incompatibilidade no casal é, aliás, hoje em dia, um dos temas principais da literatura e do cinema.

A comunhão profunda no seio dum verdadeiro casal é sem dúvida uma das experiências mais "gratificantes" e das que mais contribuiem para a realização do casal. É uma fonte de grande felicidade.

b) A fidelidade ao longo do tempo...

Também aqui é preciso falar de permanência e de fidelidade. São as condições do amor tal como são as condições de felicidade. São exigências do casamento.

Depois de 1968, no Ocidente, houve uma grande explosão de "novos valores", como a expontaneidade, a liberdade absoluta, o prazer imediato, a autenticidade, nomeadamente em matéria sexual. "É proibido proibir" era o grande slogan. Mas a moda passou e as gerações actuais redescobriram a importância, no amor, da fidelidade. É ela que garante um amor feliz.

"É o casal estável, que permanece no tempo, o que mais se aproxima da satisfação das necessidades psicológicas e afectivas da pessoa, e que garante as melhores condições de realização individual. (...) É no casal que o indivíduo encontra o máximo de compreensão e de solidariedade, é portanto no casal que o indivíduo encontra essa segurança profunda que a sociedade não está em condições de lhe proporcionar. É no casal estável que o amor pode desenvolver todas as suas potencialidades. Os casais de ocasião não trazem nada consigo. Quanto muito podem estancar uma sede passageira. Não trazem consigo, relações humanas com permanência tão necessária à nossa vida em comum como o ar que respiramos." (1) Este é o parecer dum especialista que aliás não é cristão.

Para assegurar esta fidelidade que o desafio da permanência constitui, outra especialista de problemas de amor, faz uma série de recomendações: "Uma comunicação que caminhe bem. Dizerem-se as coisas que vão bem e as que não vão, incluindo o domínio da relação sexual. Não fugir aos conflitos. Aceitar a agressividade. Fazer projectos em conjunto. Saber ouvir. Partilhar a vida quotidiana". (2) Aliás, ela precisa: "A fidelidade não é um estado de graça dada a alguns casais protegidos pela sorte. É sim a convicção que há que tecer uma ligação ao longo do tempo entre dois seres que se escolheram para partilharem o seu destino". (3)

c) O diálogo

Se a comunicação é assim tão essencial em função duma verdadeira comunhão, compreende-se a necessidade do diálogo. É preciso falarem-se. A ausência de diálogo é uma ameaça mortal para o casal.

Uma sondagem recente revela que não se dialoga o suficiente. Não mais do que uma meia hora por semana... fóra a conversa sobre as questões práticas do dia a dia

---

(1) Muldworf, o adultério, citado por Michèle Guy.

(2) C. Ullin, Viver bem a dois.

(3) C. Ullin, op. cit.

" Pensa-se, diz a psicoterapeuta C. de Moustier, que a maioria dos casais que se separam o fazem por motivos de ordem sexual. Na realidade 85% dos meus pacientes sofrem é de ausência de diálogo. Partiram do presuposto falso que, se nos amamos, compreendemo-nos sem falar".

Nunca diremos bastante o quanto a invenção do Dever de se sentar foi benéfico e se fosse preciso conservar um único ponto da carta, seria sem dúvida este...

Alguns psicólogos vão ao ponto de afirmar que o silêncio é mais grave do que as cenas do casal, porque o silêncio é mais frequentemente o sinal da falta de amor enquanto que "uma cena em casal" é um pedido de reparação daquilo que não está bem.

d) Fugir da monotonia...

"Depressa compreendemos que, para nós, o inimigo era a monotonia". Muitos casais podiam fazer sua esta constatação.

"Assueta vilescunt", diz um provérbio latino: as coisas às quais nos habituamos perdem o seu encanto... Uma longa vida em comum tem muitas vezes como efeito o não se poder passar um sem o outro. Mas pode também engendrar a rotina e a saciedade. A primeira crise no casal chega, estatisticamente, logo ao fim de cinco anos, mesmo nas uniões livres.

É portanto importante lutar contra a monotonia, introduzir alterações, variar os prazeres... A cada um compete procurar, inventar. Por vezes, o remédio pode ser paradoxal. Assim, o propósito do desinteresse sexual, que muitos casais podem experimentar, o Dr. M. Liebowitz, biólogo e psiquiatra americano, recomenda... a abstinência. E explica-o, em linhas gerais, por razões de ordem química. A região do cérebro que contém os centros do prazer é excitado por endomorfinas."Ora o amor e as aventuras amorosas parecem contar-se entre os estimulantes mais poderosos dos nossos centros de prazer, se é que o não são de facto. O único aborrecimento é que, não é por serem naturais que essas drogas

deixam de ter os mesmos efeitos das drogas dos traficantes: criam uma habituação. Os drogados aumentam então a dose segundo o ciclo infernal descrito mil vezes. Os apaixonados, esses não podem forçar os seus cérebros a segregarem mais endomorfinas. Donde uma baixa na sensação de euforia e o aparecimento dum sentimento de saturação, de cansaço, passageiro. Basta um tempo de repouso suficiente, e uma nova excitação e euforia voltarão" (1)

Mas quero recomendar especialmente a leitura dum romance célebre: "Supervivo" (Man alive) de J.K. Chesterton. Aí vê-se como um homem apaixonado inventa os meios de renovar sem cessar a frescura do seu amor e da sua felicidade conjugal.

4. A cruz

Temos de evitar qualquer visão simplista. A vida não é um mar de rosas. Há provações, sofrimentos, fracassos. Seria demasiado longo fazer uma lista com os escolhos em que podemos tropeçar na estrada da felicidade. Mas podemos citar alguns.

- O mais grave é sem dúvida o desmoronar do amor e a descoberta duma irredutível incompatibilidade. Então a vida comum pode tornar-se num inferno. Mas será possível chegar a uma tal desgraça sem poder fazer nada para a remediar? Foi, sem dúvida, porque se começou mal e que houve um erro grave à partida. O casamento, diga-se o que se disser, não pode ser uma lotaria. Se fica sempre uma parte de desconhecido e de imprevisível um amor verdadeiro não se destrói como por magia. E nós pensamos justamente que a graça de Deus está presente para manter e desenvolver o amor.

---

(1) Pais, Maio 1983.

- Há a dificuldade da harmonização de feitios, das relações por vezes difíceis, com a nova família, a dificuldade de chegar a uma harmonia sexual. São causas de sofrimento que não são irremediáveis mas que podem provocar crises sérias. E é qualquer coisa que mete medo aos jovens. E no entanto... Citemos um testemunho entre muitos: "Quando recebemos casais jovens (no quadro da preparação para o matrimónio) e que constatamos o seu receio de assumir compromissos, a sua falta de confiança, dizemos-lhes: Foi graças aos momentos difíceis que sobrevivemos! A nossa felicidade é possível porque também sofremos juntos. E sofremos um pelo outro... Se não tivéssemos feito a opção de permanência para o nosso casal, nunca teríamos experimentado este amor, que renasce depois das crises, com muito mais força.

- A esterilidade, quando se torna uma certeza, pode provocar um choque profundo e, em qualquer caso, é uma cruz para o casal.

- Há o nascimento dum filho deficiente, doenças, a morte dum conjuge, dum filho...

- Há preocupações com os filhos que crescem, relações por vezes tensas, incompreensão porque não se têm as mesmas ideias, os mesmos valores...

- E há ainda, sempre presente numa consciência recta e que se quere esclarecida, o problema da regulação ética da vida conjugal. Não há felicidade possível sem a paz de consciência e essa paz nem sempre é obtida sem esforço e sem abnegação. É verdade que a felicidade não se compra, mas merece-se.

Finalmente, existe o nosso pecado. É, em todos os domínios, o maior obstáculo mas, talvez sobretudo, no domínio do amor. Porque tudo o que fere o amor destroi a felicidade: orgulho, egoísmo, incompreensão, crueldade, indiferença... É por isso que se pode dizer, paradoxalmente, que a felicidade do casal é um critério de avaliação da qualidade do seu amor. Aqui, a felicidade não é apenas um resultado; é um teste.

O caminho do casamento é raramente uma estrada lisa, fácil, sem escolhas. A cruz, quase que inevitavelmente, está presente, como em todo o empreendimento humano.

Mas a felicidade de que falamos não é à prova de sofrimento. Aliás, na nossa condição humana, a felicidade não é incompatível com o sofrimento. O que é incompatível com a alegria é a tristeza, não o sofrimento, porque pode-se sofrer e permanecer na alegria. Eis uma verdade espantosa, que não se pode compreender senão através da experiência. E o amor verdadeiro torna o casal mais forte face à provação que, por sua vez, torna o casal mais unido.

5. A felicidade é contagiosa.

Existe uma bela expressão que diz: "a felicidade gera filhos!" E uma maneira de traduzir o muito sábio princípio filosófico: "bonum diffusivam sui": a felicidade tende a difundir-se.

Para os esposos é um dever serem felizes e pode-se conceber dever mais agradável? É o que toda a gente lhes deseja no dia do casamento. Mas é também para eles um dever fazer com que o seu casal seja um êxito e de nele encontrarem a sua realização pessoal. Dever em relação a si próprios, em relação aos seus filhos e, hoje mais do que nunca, em relação a todos aqueles que os vêm viver.

Porque a sua felicidade ultrapassa largamente o seu caso pessoal. Ela constroi, edifica, cria. A felicidade cria felicidade. E é concerteza porque o Senhor tinha felicidade que "chegava para dar e vender" que quiz criar. Assim um casamento feliz é feito de felicidade para quantos dele se aproximam.

A melhor garantia, o encorajamento mais seguro que se pode dar aos jovens que hoje duvidam e hesitam, é fazer nascer neles o desejo e a vontade de conseguirem a mesma coisa, isto é, numa palavra, demonstrar-lhes concretamente que o casamento pode ser um verdadeiro caminho de felicidade.

Textos escolhidos

Um acordo perfeito das almas e dos corpos.

- Segundo a tradição da Igreja Ortodoxa, a união carnal do homem e da mulher é um dos sinais sensíveis da sua unidade espiritual. Assim, por ocasião da celebração do matrimónio, a liturgia pede a Deus que lhes conceda "um perfeito acordo das almas e dos corpos".

A vida sexual é o espelho fiel da vida real do casal. Relações íntimas duradouramente felizes são, ao mesmo tempo, o selo e o sinal duma união profunda das almas. É totalmente legítimo que cada um queira, nesse desejo de estar unido ao outro, torná-lo feliz conhecendo o seu corpo. "O corpo da mulher pertence ao homem, o corpo do homem pertence à mulher". O apóstolo fala clara e simplesmente.

Os Doutores da Igreja também desconfiavam do angelismo conjugal e, para eles, a procura do prazer na união é legítima em si mesma; mas isto deve estar bem situado no carisma do casamento, no espírito do dom de si próprio e da atenção ao outro. Senão um dos dois exerce uma verdadeira tirania sexual e o que podia ser uma expressão erótica casta porque impregnada do amor conjugal profundo, transforma-se em pornografia.

Da mesma maneira, a recusa da sexualidade por falsa pureza é, de facto, hipocrisia e pode dissimular as paixões mais perigosas. É preciso não esquecer que o demónio é continente e não conhece a carne: uma pretensa castidade e um julgamento sobre a "mediocridade espiritual" do outro são, muitas vezes, alibis para um amor que se extingue.

Acontece também muito simplesmente - e são os casos mais frequentes - que a natureza faça com que existam diferenças na expressão sexual e no desejo dos esposos.

(Michel Laroche, a propósito do seu livro:
Une seule chair, Ed. Nouvelle Cité, 1984)

CAPÍTULO III

O CASAMENTO,

CAMINHO

DE SANTIDADE

I. Vocação à santidade.

1) Uma palavra que assusta...

Alguns, nas equipas, quereriam que não se pronunciasse a palavra "santidade"; outros, quereriam que não se pronunciasse a palavra sexualidade. Não devemos acreditar - e é uma tentação - que se possa resolver um problema ou escamoteá-lo trocando as palavras...

É verdade que a palavra santidade parece temível. E para mais arrisca-se a fazer-nos seguir pistas falsas. Porque temos geralmente no espírito uma imagem estereotipada da santidade que não corresponde exactamente à realidade. É preciso começar por rectificar as nossas ideias.

- A literatura piedosa é, em grande parte, responsável por isso. Ela quere-se edificante e por isso, na vida dos santos, apaga todos os seus defeitos e atribui-lhes todas as qualidades desde a mais tenra idade. Na antiga regra do ofício coral, no segundo "nocturno" de matinas lia-se a vida do santo do dia. Foi daí que nasceu a expressão tornada clássica: "mentiroso como um segundo nocturno". Não se nasce santo, tornamo-nos santos.

- Ligamos facilmente a ideia de santidade a fenómenos extraordinários: visões, extases, milagres... Certamente que esses factos existem mas sem dúvida menos do que se diz e não é aí que está o essencial. A jovem actriz (protestante) que incarnou Bernadette no último filme de J. Delannoy, quiz deixar-se penetrar pela personagem da jovem vidente e concluía: " mesmo se ela não tivesse visto a santíssima Virgem, ter-se-ía tornado santa".

- A santidade parece-nos muitas vezes triste e enfadonha. Dão-nos muitas vezes a impressão de que os santos se movem sempre num ambiente de jejuns, flagelações, doenças, perseguições. Como conseguem respirar? Esquecemos a sua alegria interior que é a alegria de um grande amor: pensemos num São Francisco de Assis.

Pode-se dizer com verdade: "Um santo triste é um triste santo!"

- Sobretudo a santidade parece uma via excepcional reservada para alguns iniciados. Não é para nós! E no entanto o Senhor diz-nos: "Sede perfeitos como o vosso Pai é perfeito". (Mat. 5,5). E São Paulo afirma: "A vontade de Deus é que vos torneis santos". (I Tass. 4,3).

2) Só Deus é santo.

Um dos textos fundamentais da "lei da Santidade" diz: "Sede santos porque eu Javé vosso Deus, sou santo" (Liv.19,2). A santidade é mais do que um simples atributo de Deus entre outros. Ela caracteriza verdadeiramente Deus e quase que se identifica com Ele. É o Senhor "resplandecente de santidade", o seu Nome é santo. Diz-se igualmente Javé ou o Santo de Israel (Sl. 71,22; Is.5,24).

Isaías exprime esta santidade numa bela imagem que retomamos na missa.

"No ano da morte do rei Osias, vi o senhor Javé sentado sobre um trono alto e elevado; as franjas do seu manto enchiam o templo; os serafins estavam diante dele cada um com seis asas; com duas asas cobriam o rosto, com duas asas voavam. E clamavam uns para os outros e diziam. "Santo, Santo o Senhor dos Exércitos, toda a terra está cheia da sua glória! E tremiam os gonzos das portas ao clamor da sua voz, e o templo encheu-se de fumo. Então disse: "Aí de mim, estou perdido, porque sou um homem de lábios impuros, que habita no meio dum povo de lábios impuros, e vi com os meus olhos o Rei, Senhor dos Exércitos".

"Há um tal abismo entre a santidade de Deus e a indignidade do homem que o homem deveria morrer por ver Deus, ou mesmo por O ouvir. É por isso que Moisés e mesmo os serafins tapam a face perante Javé" (Bíblia de Jerusalém).

Esta santidade pode ser comunicada. Tudo o que

toca de perto o culto de Deus, está revestido dum carácter de santidade - preferimos falar dum carácter sagrado -: os objectos do culto, os lugares (santuários, templos) os tempos (sábado, anos jubilares), as pessoas (padres, levitas). Tudo isto provém dum ritual sagrado marcando a distância (etimológicamente santo quere dizer separado) entre a santidade de Deus e a nossa própria condição e cuja expressão mais forte se encontra sem dúvida nessa lei que autoriza o Sumo Sacerdote a penetrar uma única vez no ano no Santo dos Santos depois de se ter purificado.

É esta uma espécie de santidade externa, diferente daquela que se pode denominar santidade moral ou interior. É a esta santidade de vida que é chamado o povo de Deus "sêde santos, porque eu, Javé, sou santo".

3) Nós somos chamados à santidade

Nós somos chamados á santidade: não a tornarmo--nos objectos sagrados mas viver uma vida santa: "a vontade de Deus é que vós sejais santos".

Esta santidade não pode vir senão de Deus. Não está na nossa mão obtê-la, é um dom de Deus, um efeito da sua graça, da sua vida em nós. É o sacrifício de Cristo que santifica os crentes "na verdade" (João 17, 19).

- Somos santos pela fé do baptismo e Paulo dirige--se de bom grado aos cristãos chamando-os santos: "Paulo, por vontade de Deus escolhido para Apóstolo de Jesus Cristo, e Sóstenes, nosso irmão, à Igreja de Deus estabelecida em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados à santidade com todos aqueles que em qualquer lugar invocam o nome de Jesus Cristo Senhor deles e nosso; graça e paz vos sejam dados da parte de Deus, nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo". (1Co.1,1-3).

"Paulo e Timóteo, servos de Jesus Cristo, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, assim como aos Bispos e Diáconos: graça e paz vos sejam dados da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo". (Filip.1,1-2)

É que nós, cristãos, somos "Templos de Deus", Templos do Espírito Santo" (1.Cor.3,16;6,19), filhos de Deus, trazendo dentro de nós a fonte da santidade.

- A partir daí temos que "nos tornar no que somos", temos que nos comportar como verdadeiros filhos de Deus conduzidos pelo Espírito.

"Sim, procurai imitar Deus como filhos bem amados e sigam o caminho do amor, o exemplo de Cristo que vos amou e se entregou por vós, oferecendo-se a Deus em sacrifício de agradável odor" (Ep. 5,1.2).

E é evidentemente a caridade que é a chave da santidade. A caridade (o amor-agapé do Evangelho) é a vida do próprio Deus. "Deus é Amor, diz S. João, aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele" (João 4.16). Deus quiz comunicar esta vida através do seu filho incarnando para que ela se tornasse nossa". Como o Pai me amou, também eu vos amei, e assim como eu vos amei, amai-vos uns aos outros" (Jo.15,9.13).

É por isso que é através dessa caridade vivida que se pode reconhecer os discípulos de Cristo, os santos: "E é por isto que conhecerão que sois meus discípulos: pelo amor (agapé) que tiverdes uns aos outros" (Jo.13, 35). Também, segundo S. Paulo "quem não possui a caridade não é nada, mesmo que seja rico de tudo o mais (1 Cor. 13-1-3); mas aquele que possui a caridade tem tudo: ele realiza toda a Lei" (Rom. 13,10).

Um santo é então alguém que, apesar dos seus limites e defeitos, vive plenamente dessa vida de Deus. Não usa um uniforme especial, não usa um distintivo que o torne reconhecível... Mas vive e comunica a vida de Deus. É Cristo "quem vive nele".

4) Uma história de amor entre Deus e o seu povo.

A aventura da santidade não é no fundo outra coisa senão a aventura da relação de Deus com os homens. É uma história de Amor entre ele e o seu povo: sede santos porque eu sou santo. É uma exigência de semelhança, de comunhão, de partilha total.

Também toda a história da Aliança bíblica devia aqui ser integrada. Não se pode falar de tudo e esta noção é tão rica e tão complexa que não é possível tratá-la nalgumas linhas... É um tema que merece ser estudado seriamente na equipa.

Pode-se recomendar uma conferência do cardeal Lustiger: "Quando Deus faz uma aliança. É um texto difícil mas muito rico e o esforço que nos exige é largamente recompensado. (1)

5) O Apelo do Concílio e a vocação das Equipas de Nossa Senhora

O Concílio Vaticano II, na sua constituição Lumen Gentium, consagrou um capítulo à vocação universal da Igreja à santidade.

"Mestre e modelo divino de toda a perfeição, o Senhor Jesus pregou a todos e a cada um dos seus discípulos, qualquer que fosse a sua condição, a santidade, da qual ele próprio é a nascente e a plenitude: "Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito" (Mat.5,5,48). Assim enviou a todos o Espírito Santo para os mover interiormente a amar Deus de todo o seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu espírito, com toda a sua força (cf.Mt.12,30), e a amarem-se uns aos outros como ele mesmo os amou (cf.Jo.13,34;15,12). Não é pelas suas próprias obras mas pelo desígnio da graça de Deus que os discípulos de Cristo foram chamados e justificados em Cristo Jesus, e se tornaram, pela fé e pelo baptismo, verdadeiramente filhos de Deus, participantes da sua natureza divina e, por conseguinte, realmente santos. No entanto é a eles que compete, com a ajuda de Deus, manter e aperfeiçoar nas suas

(1) O texto desta conferência foi publicado na Revista Amor e Família (CLER), Setembro-Outubro 1986.

vidas essa santidade que receberam. O Apóstolo adverte-os que têm que viver "conforme convém a santos" (Ef. 5,3), a revestirem-se "como eleitos de Deus santos e bem amados, com sentimentos de terna compaixão, de benevolência, de humildade, de doçura, de paciência". "(Co.3,12), a frutificar no Espírito pela santidade (cf Ga.5,22; Rom.6,22). Mas, como todos sem excepção, cometemos desvios muitas vezes (cf.Ti.3,2), constantemente temos necessidade da misericórdia de Deus e, em cada dia, devemos pedir: "Perdoa-nos as nossas ofensas" (Ma. 6,12)". (2)

Todos os cristãos são portanto chamados, poder-se-ía dizer que por definição, à perfeição da caridade, isto é, à santidade. Esta vocação universal, há que o reconhecer, ficou bastante oculta durante muito tempo a ponto de, praticamente, dela se chegar a excluir os leigos excepto em casos excepcionais - e especialmente os cristãos casados. O adágio encontrado por um obscuro doutor da Idade Média refletia a mentalidade corrente: "O casamento é o único sacramento que não santifica. Podemos santificar-nos apesar do casamento mas não pelo casamento".

A criação das equipas de Nossa Senhora na Igreja foi uma espécie de pequena revolução. Pretendia-se formar um movimento eclesial apoiado em dois princípios: os cristãos leigos são chamados à santidade; para os cristãos casados, o casamento é um caminho de santidade. Duas verdades que, nesse tempo, estavam longe de serem evidentes.

Felizmente o Concílio contribuiu para clarificar as ideias, proclamando por forma bastante solene a vocação de todos os cristãos à santidade e precisando que, para os cristãos casados, é dentro do seu próprio estado que devem encontrar o caminho da santidade:

"Quanto aos esposos e pais cristãos, que sigam a sua via própria, que se amparem mutuamente na graça,

(2) Lumen Gentium nº 40

ao longo de toda a sua vida com um amor fiel e inculquem a doutrina e as virtudes evangélicas aos filhos que, com amor, receberam de Deus. Assim dão a todos o exemplo dum amor infatigável e generoso, constroiem uma fraternidade de caridade e são as testemunhas e cooperadores da fecundidade da Mãe Igreja: eles são um sinal e uma participação no amor com o qual Cristo amou a sua Esposa e se entregou por ela". (1)

As Equipas de Nossa Senhora têm o seu papel específico no seio desta vocação universal: ajudar e guiar os casais unidos pelo sacramento do matrimónio para a santidade. Toda a sua estrutura, os seus objectivos, os seus métodos foram pensados e afinados em vista desta missão.

Façamos aqui quatro observações:

a) Antes de mais é preciso convencermo-nos que não é necessário ir ao fim do mundo procurar meios excepcionais. Para os esposos cristãos, o caminho real da santidade é o caminho do dia a dia: consiste em viver-o--seu-casamento, viver-o-seu-amor.

Seria aqui de reler os discursos que os últimos papas dirigiram às equipas, em particular, o admirável discurso de Paulo VI em 1970, que permanece como uma "carta pontifícia" para o movimento. De facto, Paulo VI escolheu nessa ocasião as equipas de Nossa Senhora para lhes confiar aquilo que tinha para dizer a todos os casais do mundo sobre o casamento, o amor, a sexualidade:

"Queridos filhos e queridas filhas, vós estais bem convencidos disto, que é vivendo as graças do sacramento que caminhais animados dum "amor incansável e generoso" (L.G.Nº41) para aquela santidade a que todos somos chamados por efeito da graça e não por uma exigência arbitrária, mas pelo amor dum Pai que quere a realização plena e a felicidade total de todos os seus filhos. De resto, para o conseguirdes não estais abandonados a vós próprios, visto que Cristo e o Espírito Santo, "essas duas mãos de Deus" segundo a expressão de Santo Ireneu, sem cessar trabalham para vós".

(1) Lumen Gentium nº41

b) É um caminho normal mas não é por isso que é fácil. Especialmente na nossa época em que o "ethos" geral nos empurra noutro sentido. O Papa está disso bem consciente:

"Não se deixem então derrotar pelas tentações, pelas dificuldades, pelas provações que surgem no caminho, não tenham medo de irem, quando for preciso, contra a corrente do que se pensa e diz num mundo de comportamentos paganisados. São Paulo previne-nos: "Não vos conformeis a este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito" (Rom.12,2)" (nº13).

Assim a "pequena igreja" que é o casal e a família encontra-se comprometida no seio da grande Igreja, na experiência do mistério pascal.

c) É um ideal que não se atinge duma só vez. É preciso tempo e perseverança; é preciso atravessar, ultrapassar desânimos, é preciso talvez recomeçar constantemente. É a lei da condição humana e é por isso que não se deve viver na angústia: "Não desanimem tão pouco nas horas de fraqueza: o nosso Deus é um Pai cheio de ternura e de bondade, cheio de solicitude e transbordante de amor para os seus filhos aos quais acontece sofrer no seu caminho. E a Igreja é uma mãe que se empenha em ajudar-vos a viver em cheio este ideal do matrimónio cristão do qual ela nos recorda, em toda a sua beleza, as exigências". (Nº13)

"A caminhada dos esposos, como toda a vida humana, conhece várias etapas e as fases difíceis e dolorosas - experimentá-las-ão ao longo do tempo - têm aí também o seu lugar. Mas há que o dizer claramente: Nunca se deveria encontrar a angústia e o medo nas almas de boa vontade, porque, enfim, não é o evangelho também uma boa nova para os casais e uma mensagem que, se é exigente, não é menos profundamente libertadora?

Tomar consciência que não se conquistou ainda a sua liberdade interior, que se está sujeito ao impulso das suas tendências, num domínio, a lei moral tão fundamental, suscita naturalmente uma reacção de desânimo. Mas é o momento decisivo em que o cristão, no seu desespero, em vez de se entregar à revolta estéril e destruidora, acede, na humildade, à descoberta perturbadora do homem perante Deus, um pecador perante o amor de Cristo-Salvador". (Nº15)

"A partir desta radical tomada de consciência, desencadeia-se todo o progresso da vida moral e, encontrando-se assim o casal "evangelizado" em profundidade, os esposos descobrem "com temor e tremor" (Filip.2,12) mas também com uma alegria maravilhada que, no seu casamento assim como na união de Cristo e da Igreja, é o mistério pascal da morte e ressureição que se realiza.

No seio da grande Igreja, esta pequena igreja conhece-se então por aquilo que é em verdade: uma comunidade fraca, por vezes pecadora e penitente, mas perdoada, a caminho da santidade, "na paz de Deus que ultrapassa toda a inteligência" (Filip.4,7).

Longe de estar por isso ao abrigo de todo o desfalecimento - "que aquele que se gaba por estar de pé tenha cuidado para não caír" (1Co.10,12) - ou dispensados dum esforço perseverante, por vezes em condições tão dolorosas que só o pensamento de participar na paixão de Cristo pode fazer suportar (cf.Col.1,24), os esposos sabem, pelo menos, que as exigências da vida moral que a Igreja lhes recorda não são leis intoleráveis e impraticáveis, mas um dom de Deus para os ajudar a alcançar, através e para além das suas fraquezas, as riquezas dum amor plenamente humano e cristão. A partir daí, longe de terem o sentimento angustiante de se encontrarem como que encurralados frente a um impasse ou talvez, conforme os casos, de se irem afundando, na sensualidade, abandonando toda a prática sacramental, revoltando-se contra uma Igreja desumana, ou de teimarem num esforço impossível cujo preço é a harmonia

e o equilíbrio ou talvez mesmo a sobrevivência do casal, os esposos abrir-se-ão à esperança, na certeza que todos os recursos morais, longe de terem a frieza desumana dessa objectividade abstracta, estão ali para guiar o casal na sua caminhada. Com efeito, quando os esposos pacientes e humildemente, sem se deixarem desencorajar pelos processos viverem na verdade as exigências profundas dum amor santificado que as leis morais com a sua presença, lhes recordam, estas não mais são rejeitadas como um entrave, antes passam a ser reconhecidas como um poderoso auxílio". (Nº14)

Vemos portanto, que a aventura da santidade - porque duma aventura se trata e sem dúvida a mais autêntica de todas - para a qual nos convidam as equipas de Nossa Senhora, não é uma utopia, um sonho vago. É uma coisa possível, porque "nada é impossível a Deus".

Digamos portanto simplesmente e frontalmente, para concluir: É possível! Portanto, fálo-emos!

Textos escolhidos

Da exortação apostólica aos fiéis (Christifidelis)

Todos na Igreja, precisamente porque são seus membros, recebem e por conseguinte, partilham a vocação comum à santidade. A título pleno, sem diferença alguma dos outros membros da Igreja, são os fiéis leigos chamados a essa vocação: "Todos os fiéis, de qualquer estado ou ordem são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade"; (43). "Todos os fiéis são convidados e têm por obrigação tender à santidade e à perfeição do próprio estado" (44).

A vocação à santidade mergulha as suas raízes no baptismo e é reactivada pelos outros sacramentos; principalmente pela Eucaristia: revestidos de Jesus Cristo e impregnados do seu Espírito, os cristãos são "santos" e, por isso, habilitados e empenhados em manifestar a santidade do seu ser na santidade de todo o seu agir. O apóstolo Paulo não se cansa de advertir todos os cristãos para que vivam "como convém a santos". (Ep 5,3). (Nº16)

Santificar-se no mundo

...A vocação dos fiéis leigos à santidade implica que a vida segundo o Espírito se exprima de forma peculiar na sua inserção nas realidades temporais e na sua participação nas actividades terrestres. É ainda o apóstolo que nos adverte: "Tudo o que fizerdes por palavras ou por obras fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando, por meio d'Ele graças ao Deus Pai". (Col.3,17)". Aplicando as palavras do Apóstolo aos fiéis, o Concílio afirma categoricamente! "Nem os cuidados familiares nem outras ocupações profanas devem ser alheias à vida espiritual (45)". Por sua vez os Padres sinodais afirmaram: "A unidade da vida dos fiéis leigos é de enorme importância, pois, eles têm que se santificar na vida normal profissional e social. Para que possam corresponder à

sua vocação, devem os fiéis olhar para as actividades da vida quotidiana como uma ocasião de união com Deus e de cumprimento da Sua vontade, e também como serviço aos outros homens, levando-os à comunhão com Deus em Cristo (46. Nº17)".

Novas situações, tanto eclesiais como sociais, económicas, políticas e culturais, reclamam hoje, com força muito particular a acção dos fiéis leigos. Se o desinteresse foi sempre inaceitável, o tempo presente, torna-o ainda mais culpável. Não é lícito a ninguém ficar inactivo. (Nº3)

Referindo-se aos fiéis leigos o Concílio diz: Todos os seus trabalhos, orações e empreendimentos apostólicos, a vida conjugal e familiar, o trabalho de cada dia, o descanso do espírito e do corpo, se forem feitos no Espírito, e as próprias incomodidades da vida, suportadas com paciência, tornam-se outros tantos sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo (cf. Ped 2,5); sacrifícios estes que são piedosamente oferecidos ao Pai, juntamente com a oblação do corpo do Senhor, na celebração da Eucaristia. Deste modo, os leigos, agindo em toda a parte santamente, como adoradores, consagram a Deus o próprio mundo (23)." (Nº14)

"Não tenham medo de ser santos!"

(João Paulo II em Compostela)

II. Eros e Agape

1. O contencioso entre a Igreja e a Sexualidade

Se é verdade que o apelo é fundamentalmente o mesmo, as vias para a santidade são múltiplas, como múltiplos são os estados de vida. Porque estamos falando da santidade das pessoas casadas, é preciso ver como é que o seu estado próprio de vida é um caminho de santidade. Isto significa que toda a realidade da sua vida de casal pode ser santificada.

Isto levanta uma séria dificuldade. Sabemos que houve sempre na igreja um contencioso no que toca à sexualidade. O assunto era "tabu" e até nas Equipas de Nossa Senhora foi pouco falado. Por isso se considerou ser necessário incluir no programa do segundo fôlego uma reflexão em profundidade sobre "evangelizar a sexualidade". Não nos alongaremos aqui sobre este assunto - haverá um tema, que lhe será especialmente dedicado - mas importa, pelo menos, recordar alguns princípios.

É preciso lembrar que a dimensão sexual faz parte da condição humana, que foi querida por Deus e que o apelo à santidade se dirige a seres humanos e não a falsos anjos assexuados...

O amor humano comporta uma dimensão carnal e se há homens que escolheram renunciar a ela pelo Reino de Deus, não é esta a via normal de todos os cristãos. Dito por outras palavras, a carne faz parte do programa de santificação.

Como? É isso que é preciso tentar compreender. Recorreremos a duas noções: éros e agapé (1) que poderão esclarecer-nos.

---

(1) É o título de uma obra célebre de A. Nygren que se pode recomendar a quem quizer aprofundar a história destes dois conceitos.

2. Eros

Quando pronunciamos esta palavra, evocamos natural e expontaneamente a imagem do pequeno deus armado com o seu arco; pensa-se também no erotismo que se tornou um elemento comum da nossa sociedade a ponto de ser um "must" da nossa publicidade...

Segundo Platão, que é um pouco o pai deste conceito, éros designa uma "fagulha divina" fechada no homem e que tende a voltar à sua origem divina. No entanto, na cultura cristã, a palavra tomou uma coloração muito mais "humana" e facilmente pejorativa. Assim os dicionários franceses assinalam geralmente, entre os sentidos do termo erótico, o de licencioso. E Nietzsche dizia: "O cristianismo deu veneno a beber a Eros, ele não morreu mas degenerou em vício". (2)

Tomemos então eros no sentido de amor com a sua conotação carnal. Tem esse eros o seu lugar na vida do casal chamado à santidade? Ou haverá que o imolar?

Deus criou o ser humano, "homem e mulher ele os criou" e pôs neles essa atracção que os impele um para o outro no desejo de não formarem senão uma só carne". Chamá-los-á a destruirem a sua obra?

Trata-se, em suma, do lugar da carne na espiritualidade cristã. Pensa-se imediatamente em tudo quanto Paulo disse acerca da carne, opondo-a ao espírito. Mas trata-se aí dum sentido diferente. Paulo opõe carne e espírito tal como se opõe o regime da Lei ao da graça. Há por um lado, a condição do homem pecador, na sua fraqueza e na sua incapacidade para o bem, a que se opõe à condição do discípulo resgatado pelo sangue de Cristo e purificado pelo seu Espírito. A carne do qual falamos aqui - eros - pode fazer parte dos dois regimes.

---

(2) J. Guitton, O amor humano, pag. 51

O prazer carnal não pertence, por si só, à esfera do pecado. Ele provém da condição humana: daí que possa estar submetido ao pecado (talvez mais facilmente do que outras actividades) ou estar submetido à graça. E pode-se pensar que a graça específica do sacramento do matrimónio vem precisamente ajudar os esposos a amarem-se carnalmente segundo Deus, a viverem o eros como cristãos, como filhos de Deus. É a função de "cura, restabelecimento" que gostamos de reconhecer ao sacramento do matrimónio.

Mas eros não é todo o amor e eros não é eterno. Ele permanece ligado à nossa condição carnal, mesmo curado do pecado e santificado. E nós somos feitos para um destino eterno, para vivermos um amor eterno. Então? O amor do casal terá necessariamente de se apagar um dia? Não tem nada a ver com a vida eterna? Será que não nos amamos para sempre?

O que é eterno, é o agapé é o coração, o cerne da vida eterna em nós. "O agapé" - diz S. Paulo, "nunca passará". Tudo o mais passará, só a caridade permanece. (1 Co.13,8)

3. Agapé

Agapé é esta forma de amor que é próprio do cristianismo e que constitui o valor supremo da vida do cristão. A. Nygren tem razão ao dizer: "Compreendeu-se desde há muito tempo que a ideia de agapé exprime o que há de especificamente novo no cristianismo". (1)

---

(1) A. Nygren, Eros e Agapé, pag. 57. De facto, a palavra grega agapé, pouco utilizada no grego clássico, foi manifestamente escolhida para designar uma realidade nova no novo testamento. Ela foi traduzida geralmente na Vulgato pela palavra latina caritas, mas o termo grego parece ter subsistido durante algum tempo no latim, nomeadamente no sentido de "refeição de caridade". Em francês diz-se ainda "agapes".

Esta realidade nova, objecto da revelação de Cristo é, de certa maneira, o exercício activo da própria vida de Deus que nos é comunicada.

Deus é amor (agapé) em si mesmo. Conhecemos pouca coisa da vida íntima de Deus mas por vezes Jesus ergue uma ponta do véu e podemos suspeitar algo desse mistério insondável...

" O Pai ama o Filho e pôs todas as coisas nas suas mãos" (J.3,35); " O Pai ama o filho e mostra-lhe tudo quanto fez" (J. 5,20); "Pai amaste-me antes da fundação do mundo.." (J.17,24).

E se Paulo fala com gosto do "Deus do Agapé" (2.C. 13,11), João diz frontalmente "Deus é agapé": quando se diz agapé, exprime-se a natureza mesmo de Deus. (1J.4,8.16).

Deus é amor pelos homens" "ad extra" poder-se-á dizer. É a razão da criação, é a razão da encarnação e da redenção. "O próprio Pai vos ama..." (J. 16.27); "Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu filho único..." (J. 3,16). É sobretudo na pessoa de Jesus que esse amor de Deus se manifesta. "Jesus, sabendo que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, depois de ter amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim" (J.13,1).

Este amor de Deus é-nos dado para ser em nós fonte de vida e para que, por nossa vez, amemos com "agapé": Deus e os nossos irmãos. "O agapé vem de Deus e quem ama Deus nasceu de Deus". E Paulo precisa bem: "O agapé de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi concedido" (R.5,5). Somos portanto chamados a entrar por nossa vez no grande movimento do agapé: "este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei" (J.15,12). É por isso que "se alguém disser: amo a Deus e odeie o seu irmão, é um mentiroso..." (1.J.4,20).

Se quisermos caracterizar o agapé em linhas gerais, podemos dizer:

- É um amor gratuito. Deus ama-nos sem motivo, sem razões... Em nós, nada atrai ou merece essa atenção. A insistência do Evangelho sobre o amor quase preferen-

cial pelos pobres e pelos pecadores sublinha esse carácter. O agapé é um amor liberto, expontâneo, gratuito.

É por isso que ele é sempre da iniciativa de Deus: "Deus amou-nos primeiro" (J.4.19).

- É um amor desinteressado. Ao contrário do amor-paixão, egoísta, ao contrário do eros, o agapé está voltado para o bem do outro. Ele quere o bem do outro até ao sacrifício de si próprio se tal for necessário. "Não há maior amor do que dar a sua vida por aqueles que se ama". (J.15,13)

- É um amor sem limites, sem acepção de pessoas. "Se não amardes senão os que vos amam, que gratidão merecereis?": Se fazeis o bem aos que vos fazem bem, que agradecimento mereceis? Mesmo os pecadores fazem o mesmo...Vós porém, amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem nada esperar em troca" (Luc. 6, 33-34).

É um amor criador. Se Deus ama "de graça" o seu amor é eficaz: confere valor àqueles que ama, fá-los existir plenamente, fá-los viver. Deus ama os homens "para que tenham a vida".

- É um amor que realiza a comunhão. Tende para essa partilha total de vida que caracteriza a verdadeira amizade. E até certo ponto é a partilha da vida íntima da Trindade que nos é dada: "Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor; chama-nos amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vo-lo dei a conhecer" (J.15,15).

Eis o agapé que é a vida de Deus, que Deus nos comunica para que, por nossa vez, vivamos dela até ao fim: "Por isto conhecemos o amor, é que Ele deu a vida por nós e nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos... Meus filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas por acções e em verdade" (1 J.3,16-18).

4) Um programa com dois tempos

Portanto se os esposos querem ser santos no e pelo casamento, se querem amar-se com um amor eterno, é o agapé que eles devem praticar. Não é eros que é a chave da santidade, isto é, da realização em plenitude da vida divina que é a nossa vocação, é o agapé.

Ao contrário do eros, o agapé não têm nada de sensual (1).A caridade faz-nos entrar no mundo de Deus que não é sexuado. É esse o sentido do aviso de Jesus: "Quando ressuscitarem de entre os mortos, não se casarão, nem se darão em casamento, mas serão como anjos nos céus". (Mc.12,25).

Vamos então voltar aos vetos e frustrações antigas? Não! O eros, para os esposos, faz parte do amor. Não nos casamos para viver como irmão e irmã ou como os anjos no céu. Casamo-nos para nos amarmos completamente no plano humano com um amor que é uma realidade altamente complexa tal como complexo é o ser humano...

Há portanto, de certa maneira, dois niveís ou dois tempos a considerar.

a) Cultivar o eros

É normal, legítimo e benéfico desenvolver este aspecto do amor do casal, cultivar o eros ou, noutros termos, desenvolver e cultivar a vida amorosa do casal.

Encontra-se aí, não apenas um equilíbrio de vida da pessoa que, sem dúvida não se consegue encontrar

---

(1) Salvo na medida em que todo o nosso ser está marcado pelo sexo: somos totalmente homem ou mulher. Nesse sentido também a nossa relação com Deus está marcada. Seria interessante estudar na vida dos místicos, homens e mulheres, essa coloração particular.

noutro lado, como também os dados de base para a construção do homem-cristão cujo modelo não é nem o do anjo nem o do animal, mas esse mistério querido por Deus: "À sua imagem ele os criou; homem e mulher ele os criou".

Contrariamente ao que se pode pensar esta prática de Eros não se improvisa, não é inata.Tem de se aprender; deveria fazer parte da educação dos jovens, em vez de constituir uma espécie de terreno aberto a todos os ventos...

b) Alcançar juntos o agapé

Apoiando-se sobre este equilíbrio que é uma vida sexual bem vivida, sobre esta complementariedade do homem e da mulher nos diversos níveis da sua relação interpessoal, é preciso chegar a amar-se com agapé, com caridade sobrenatural. Aliás não é fácil fixar-lhe a fronteira, como não é fácil fazê-lo em relação ao amor duma mãe pelo seu filho: onde termina o "natural", onde começa o "sobrenatural"? Teoricamente é fácil estabelecer limites entre o eros e a agapé, mas na realidade os dois encontram-se e fundem-se num mesmo amor.

Sem dúvida que as dificuldades não faltam para o conseguir e é por isso que um esforço da ascese é sempre indispensável, mas há também trunfos que faltam àqueles que renunciam ao amor humano.

A maior dificuldade é sem dúvida o não se deixar prender pela carne e ser capaz de orientar para Deus o próprio eros e fazer dele um suporte para o agapé.

Mas é um trunfo. A experiência concreta do amor - o dos esposos tal como a dos pais - ajuda a compreender muitas coisas. Revela as dimensões e as exigências de todo o amor verdadeiro, inclusivé a caridade sobrenatural. Talvez que só uma mãe ou um pai possam compreender verdadeiramente o que é o amor de Deus pelo seu povo; só os esposos podem medir bem o que é o amor de Cristo pela sua Igreja...

A renúncia desejada, por causa do Reino, a todo o amor humano não é só por si nem automáticamente uma

garantia de chegar ao agapé! Pois, à força de se querer reservar o seu coração só para Deus (que não se vê), pode-se chegar ao ponto de não ter mais amor para o próximo (que se vê). De tanto querer amar toda a gente com uma caridade sem limites e um pouco abstracta, pode-se chegar ao ponto de, no concreto, não ser capaz de amar ninguém...

Não há caminho onde tudo seja fácil. Juntos, fortalecidos um pelo outro, os esposos experimentam viver todas as facetas deste agapé que Cristo nos revelou. Um amor gratuito que não precisa de "razões" e que não procura alibis. Um amor benevolente e desinteressado que procura a felicidade e a alegria do outro. Um amor que estabelece uma verdadeira comunhão de vida - e, neste caso, de vida divina: vive-se juntos a própria vida da graça. Um amor criador: não apenas pela fecundidade do casal que o faz participar na acção criadora de Deus, mas também pela faculdade que o amor possui, de valorizar, fazer crescer, completar, perfazer aquilo que ama. É nessa fecundidade que devem pensar os casais sem filhos. Pois no Reino de Deus, a fecundidade espiritual duplica e pode mesmo ultrapassar a fecundidade biológica: existem laços de "parentesco" mais profundos do que os da família física, como testemunha a palavra de Jesus: "quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos?" Uma fecundidade como a contida nesse olhar de amor que o Senhor lançou sobre a sua humilde serva e que a fez proclamar-se bem aventurada por todas as gerações; como esse olhar de amor de Cristo pela sua Igreja que a torna" resplandescente, sem mácula nem ruga, santa e imaculada" (Ef.- 5,26-26).

É este amor que deve passar através do olhar do esposo para a sua esposa... que a torna única a seus olhos, mas que contribui também para torná-la única no plano de amor de Deus. Ministros do seu sacramento do matrimónio os esposos podem tornar-se um para o outro instrumentos da graça e fazerem-se crescer, um ao outro, no agapé.

Textos escolhidos

A Agapé segundo S. João

Caríssimos, amemo-nos uns aos outros porque o amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece-O. Aquele que não ama não conheceu a Deus, porque Deus é amor. Nisto se manifestou o amor de Deus por nós: em ter enviado o Seu Filho unigénito ao mundo, para que, por Ele, vivamos. Nisto consiste o Seu amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados. Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nós nos devemos amar uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; se nos amarmos uns aos outros Deus permanece em nós e o seu amor é perfeito... E nós, conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor e aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele. Nisto é perfeito o amor para connosco, para que no dia do Juizo tenhamos confiança; porque tal como Ele é; também nós somos neste mundo. No amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor, porque o temor pressupõe o castigo e o que teme não é perfeito no amor. Nós amamo-Lo porque Ele nos amou primeiro. Se alguém disser: "Eu amo a Deus" mas odiar o seu irmão, é mentiroso; pois quem não ama o seu irmão que vê, como pode amar a Deus que não vê? D'Ele temos este mandamento: "Quem ama a Deus, ama também o seu irmão..." (1 J.,4 7-21).

O Agapé segundo S. Paulo

"Aspirai, com ardor, aos melhores dons. Vou mostrar-vos um caminho que ultrapassa tudo.

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade sou como bronze que ressoa como címbalo que tine. Ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência,

ainda que possua a fé em plenitude a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. Ainda que distribua todos os meus bens em esmolas e entregue o meu corpo a fim de ser queimado, se não tiver caridade de nada me aproveita.

"A caridade é paciente, a caridade é benigna, não é invejosa; a caridade não se engana, não se ensoberbece, não é inconveniente, não procura o seu interesse, não se irrita, não suspeita mal, não se alegra com a injustiça mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

A caridade nunca acabará. As profecias desaparecerão, as línguas cessarão e a ciência findará. Porque a nossa ciência é imperfeita e a nossa profecia também é imperfeita. Mas quando vier o que é perfeito, o que é imperfeito será abolido. No tempo em que eu era criança falava como criança, sentia como criança, raciocínava como criança; mas quando me tornei homem, eliminei as coisas de criança. Hoje vemos como num espelho, de maneira confusa, mas então veremos face a face. Hoje conheço de maneira imperfeita. Então conhecerei exactamente, como também sou conhecido.

Agora subsistem estas três: a fé, a esperança e a caridade; mas a maior delas, é a caridade.

(1Cor. 12.31-13,13)

O eros na vida do casal

A vida sexual tem uma grande importância mas infelizmente, no princípio da nossa vida de casal não se tocava no assunto nem mesmo nas revistas. Assim o "Anneau d'Or", que assinámos desde o seu aparecimento, não abordou o assunto e até na nossa equipa ele era tabu. Por altura de um retiro, O padre d'Heilly que não teve medo de empregar uma certa linguagem, abriu-nos horizontes... Pessoalmente, quando temos encontros íntimos isso facilita a nossa vida afectiva, sentimos que nos amamos mais. A nossa vida espiritual fica enriquecida... Na nossa juventude, a regulação dos nascimentos

foi uma provação transformada em ascese graças à nossa aceitação. Continuou, aliás, devido a problemas precoces de saúde.

A nossa vida sexual está centrada sobre o desejo dum filho, pois não encaramos a sexualidade fora dessa finalidade. É o mais belo dom de Deus criador e nesse sentido a nossa vida espiritual foi modificada.

(Dum inquérito da revista Alliance)

III. A entreajuda no Casal e na Equipa

1. Haverá casais santos? Será possível?

Não falemos de casais canonizados, de santos "oficiais". Há muito poucos... se os houver, e os casais considerados como tal remontam muito longe na história. Falar-vos-ão dos pais da Virgem Maria ou de Prisca e Aquila, citados por São Paulo (2Tim). Mas não são recentes, como se vê... No entanto deveria haver e o nosso Papa que canoniza tanta gente deveria pensar em encontrar um casal.

Mas poderemos mesmo tornar-nos santos em casal? Para respondermos a esta pergunta, podemos proceder como São Tomás na sua Suma Teológica, através de objecções, argumentos de autoridade, respostas circunstanciadas.

a) Parece que não. A vida da graça em nós é qualquer coisa de iminentemente pessoal. Assim como não se pode comunicar directamente a nossa fé, não se pode viver no lugar doutra pessoa, por mais querida que nos seja. O caminho da santificação parece portanto ser um caminho estritamente pessoal.

Para mais, falar da santidade do casal, é conceber o casal como uma entidade fusional em que os dois se fundem, se diluem, perdem a sua própria personalidade.

Enfim, outra objecção: é já tão difícil realizar a santidade a título pessoal, como é possível pedir que se realize a dois duma só vez?

b) No entanto... O texto do Génesis sobre a união do casal tem muita força: "o homem deixará o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher e serão uma só carne" (Gen.2). Pode-se pensar que não deva ser juntos, também, que vivam plenamente a vida divina?

Para mais é um só e mesmo sacramento que os une e faz deles um casal "santo". É portanto juntos que devem tornar-se "aquilo que são".

c) Para responder há que fazer algumas distinções:

- Atenção às deformações e desvios nesta matéria. Todos nós ouvimos falar de "gente santa" a propósito de certos casais. Ele é um "santo homem"; ela é "uma verdadeira santa". Mas quando se vai ver mais de perto descobre-se coisas espantosas.

Ele é um "santo homem". Tem cara de santo, é muito piedoso, duma piedade bem visível. Tem as suas ideias infalíveis, que quere impor. É o único detentor da verdede. Numa palavra, é o tipo de homem santo a quem é difícil viver para o seu conjuge e os seus próximos...

Ela é uma "santa mulher" porque nunca se queixa; aceita tudo, suporta tudo com coragem e amor. Então, onde está a santidade do casal? Ele bem devia converter-se antes de ficar bloqueado para a vida... Ela santifica-se pelo casamento, mas como não nos santificamos pela cruz... Não é certamente desta maneira que devemos entender "ser-se santos em casal"!

- Caminhar com o mesmo passo? A verdadeira maneira, é santificarem-se percorrendo juntos o mesmo caminho. Mas o ritmo pode ser diferente.

Em primeiro lugar os gostos e inclinações podem ser diversos e condicionar a caminhada pessoal. Um dos esposos terá mais gosto pela oração e pela meditação, o outro por um compromisso activo mais concreto; um sabe cantar, o outro não...

Mas mesmo no plano da acção da graça - sempre tão difícil de apreciar - pode haver além duma receptividade diferente, dois ritmos ou duas velocidades. Que fazer? Seguir o seu caminho com o seu passo próprio e deixar o outro "desembaraçar-se"?

Quando se é um verdadeiro casal, tenta-se estar em uníssono tanto quanto possível e acertar o passo. Há assim uma emulação permanente que é uma das riquezas de vida em casal e um factor de progresso. Nesta perspectiva dever-se-ia desejar que um dos conjuges estivesse sempre um passo à frente para arrastar o outro... Mas é também preciso por vezes saber-se esperar um pelo outro, mostrar paciência. Pensa-se o suficiente, no dever de se sentar, em partilhar a sua experiência

pessoal de vida interior, os seus esforços, (os seus esforços), os seus fracassos, as suas descobertas "místicas"? E quando se reza em casal, é preciso evitar reduzir essa oração ao "menor denominador comum", nivelando por baixo; é preciso experimentar avançar juntos, progredir na descoberta plena do mistério de Deus.

- E há ainda outra coisa. Acreditamos na comunhão dos santos, acreditamos na força da intercessão, acreditamos na solidariedade no seio da Igreja. É evidente que é entre estes dois filhos de Deus unidos por um sacramento especial que esta comunhão, esta intercessão, esta solidariedade intervém com mais força. Não se deve portanto hesitar em usar e abusar deste privilégio.

2. A importância da equipa

Há escolas de samba, equipas de futebol, até escolas de oração, mas equipas de Santos... uma utopia! Isto é verdade e é mentira.

É verdade na medida em que a resposta à graça de Deus que é oferecida a todos pode ser muito diferente de um casal para outro. As equipas não são mais do que um meio que não pode de maneira alguma garantir o resultado final. Tomam-se as pessoas onde estão e como são, apenas com a condição de estarem animadas de vontade de progredirem. E caminha-se em conjunto com a graça de Deus.

Mas o que é também verdade. é que a equipa é um apoio importante. O homem não é feito para viver sozinho! Precisa dos outros para ser ele próprio e realizar o seu destino. O que é também verdade no plano de vida divina. O casal responde a essa necessidade de entreajuda e de comunhão. Mas o casal precisa também de ser amparado, encorajado.

"Porque eles conhecem a sua fraqueza e os limites das suas forças, senão da sua boa vontade, porque experimentam em cada dia o quanto é difícil viver como

cristãos num mundo paganisado e porque tem uma fé indefectível no poder da entreajuda fraterna decidiram formar equipa.

As suas equipas não são refúgio para adultos bem intencionados, mas corpos francos compostos por voluntários.

Ninguém é obrigado a entrar nas equipas nem nelas permanecer.

Mas aqueles que nelas participarem devem fazer jogo franco".

Encontramos aqui uma lei fundamental de vocação cristã. Um cristão - ou um casal cristão - não é uma ilha, uma entidade isolada que esteja ligado a Deus através dum fio especial e pessoal. O cristão - e o casal cristão - faz parte dum conjunto, a Igreja, é membro dum corpo, o Corpo de Cristo e é solidário de todos os membros desse corpo.

Esta comunidade - este corpo místico -, a grande Igreja, o povo de Deus, a vinha do Senhor (as imagens bíblicas são numerosas) torna-se presente e próxima através das unidades mais imediatas em que é possível viver, no quotidiano, a comunhão cristã. As equipas são algumas dessas "pequenas igrejas" onde Cristo está presente e actuante através da presença e da acção dos casais.

É preciso acreditar neste valor da equipa. Digo acreditar não que isso derive dum dogma da fé mas porque isso faz parte da nossa fé na comunhão dos santos, na profunda unidade entre os membros do mesmo corpo.

É o momento de reler o capítulo 12 da primeira carta aos Coríntios. "sofre um membro? Todos os membros sofrem com ele. Um membro é honrado? Todos os membros tomam parte na sua alegria".

Viver em equipa não é portanto apenas apoiar-se sobre os outros, é também aceitar entrar na grande comunhão eclesial. É trazer a sua pedra para a edificação dessa comunhão, trazer a sua parte: a sua experiência, a sua oração, as suas ideias, os seus conselhos, os seus esforços pessoais.

É por isso, aliás, que haveria um certo egoísmo se nos contentassemos em usufruir da equipa recusando-nos a ver mais longe e a participarmos na vida do Movimento, assim como nos programas mais vastos da Igreja. A equipa não pode ser fonte de santidade se não tiver espírito católico, isto é, universal, se não compreender que é uma pedra viva da Igreja do Senhor.

3. À dimensão da Igreja e do mundo

Como sabemos, o Movimento das Equipas de Nossa Senhora, a equipa, o casal membro das equipas, centram as suas atenções, por vocação e segundo o seu carisma fundador, sobre o casal como tal. Falamos pouco em suma (de menos, talvez) sobre os filhos e a família. É que a maior parte dos movimentos familiares a isso se consagram enquanto que o casal continua a ser o "parente pobre" na espiritualidade da Igreja.

Falamos pouco também dos grandes problemas do mundo, como a fome, a justiça, a opressão, o desemprego, a droga, a SIDA,... E é sempre pela mesma razão: a nossa acção quere estar centrada sobre o casal e há muitos movimentos que trabalham nesses domínios.

Mas é evidente que não é possível realisar a vocação cristã e percorrer o caminho da santidade ficando simplesmente fechado sobre si e vivendo o seu amor num egoísmo a dois! O casal deve ouvir o apelo da miséria e o grito dos pobres; deve responder-lhes como casal e como família. É por isso que incitamos sem cessar os membros das Equipas de Nossa Senhora a comprometerem-se nas tarefas da Igreja, na evangelização permanente do mundo: a família tem aí um papel insubstituível, está no cerne da missão.

Textos escolhidos

O corpo de Cristo segundo S. Paulo

Pois assim como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, embora sejam muitos, constituem um só corpo, assim também é Cristo. Foi num só Espírito que todos nós fomos baptizados, afim de formarmos um só corpo, quer judeus quer gregos quer escravos quer homens livres; e todos temos bebido dum só Espírito.

Porque o corpo não consta dum só membro, mas de muitos. Se o pé dissesse: "Uma vez que não sou mão, não faço parte do corpo", nem por isso deixaria de fazer parte do corpo. E se a orelha dissesse: "Uma vez que não sou olho, não faço parte do corpo", nem por isso deixaria de fazer parte do corpo. Se o corpo inteiro fosse olho, que seria do ouvido? E se todo ele fosse ouvido que seria do olfacto?

Deus porém, dispôs os membros no corpo cada um conforme entendeu. Se todos fossem um só membro, que seria do corpo? Há pois muitos membros mas um só corpo. O olho não pode dizer à mão: "Não tenho necessidade de ti", nem tão pouco a cabeça pode dizer aos pés: "Não tenho necessidade de vós".

Pelo contrário, os membros, do corpo que parecem mais fracos é que são os mais necessários; as partes do corpo que nos parecem menos honrosas é que nós rodeamos de maior consideração, e os nossos membros menos decorosos são tratados com a maior decência, ao passo que os decorosos não precisam disso. Pois bem, Deus compôs o corpo dispensando maior consideração ao que dela carecia, para não haver divisão no corpo, mas para os membros terem a mesma solicitude uns com os outros. Deste modo, se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é honrado, todos os membros se alegram com ele.

Vós sois o corpo de Cristo e seus membros, cada um na parte que lhe toca.

(1.Cor.12,12-27)

Caminhar com o mesmo passo?

A nossa sensibilidade espiritual diferente impede-nos, por exemplo, de rezar ou meditar em voz alta em casal. Por outro lado a diferença do nosso estilo de espiritualidade é fonte de enriquecimento quando discutimos sobre temas da equipa ou da vida prática.

Ocasião não de choques, mas de alegria quando nos descobrimos diferentes e complementares. É uma sorte para a educação dos nossos filhos.

Eu tinha necessidade de mais oração em comum com outros, de mais celebrações e da presença eucarística. Não me atrevia a fazê-lo sem o meu marido, pensando que quebrava qualquer coisa entre nós. Descobri que tinha duas fidelidades, Deus e ele, e que se completavam uma à outra. Agora tentamos ajudar-nos um ao outro a sermos fiéis ao que o Senhor espera de nós. Não negarei que houve tanto para um como para o outro um tempo de deserto bastante doloroso...

(dum inquérito da revista Alliance)